



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**CASAMENTO TRADICIONAL NA GUINÉ-BISSAU: Uma compreensão da instituição
do casamento Fula**

FATUMATA DJARAI BALDÉ

SÃO CARLOS / SP

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**CASAMENTO TRADICIONAL NA GUINÉ-BISSAU: Uma compreensão da instituição
do casamento Fula**

FATUMATA DJARAI BALDÉ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos como requisito para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Marcos Pazenese Duarte Lanna
Coorientador: Edmundo Antonio Peggion

SÃO CARLOS / SP

2024

Baldé, Fatumata Djarai

CASAMENTO TRADICIONAL NA GUINÉ-BISSAU: Uma
compreensão da instituição do casamento Fula /
Fatumata Djarai Baldé -- 2024.

71f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São
Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Marcos Pazenese Duarte Lanna

Banca Examinadora: Marcos Pazenese Duarte Lanna,

Edmundo Antonio Peggion, Itacir Marques da Luz

Bibliografia

1. casamento, tradição, parentesco. I. Baldé, Fatumata
Djarai. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Fatumata Djarai Baldé, realizada em 17/12/2024. Candidata e dissertação aprovadas pelos membros da Comissão Julgadora.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Marcos Pazzanese Duarte Lanna (UFSCar)

Prof. Dr. Itacir Marques da Luz (UNILAB)

Prof. Dr. Edmundo Antonio Peggion (UNESP)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

Para meus avôs Mamadú Faja Jaló e Umo Jaló
(*in memoriam*), cujo bondade e resiliência
permanecem vivas.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus pela vida, saúde e força que me deu para conseguir seguir em frente com o mestrado mesmo depois dos desafios que encontrei pelo caminho.

Ao governo brasileiro, à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e a - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida durante os anos do mestrado, sem ele seria mais difícil me dedicar aos estudos e à pesquisa.

Agradeço à minha amada mãe Sadi Jaló por acreditar, confiar, e me apoiar durante todos os anos na academia, ela sempre esteve do meu lado e nunca soltou a minha mão quando mais precisei.

A minha irmã, Djanabu Nharia Jaló (Djedjé) que sempre me fortalece, mesmo sem saber que estava fazendo isso. As suas palavras sempre me deixam leve depois das nossas ligações de horas conversando.

Ao meu noivo Lamba Gomes, que vivenciou junto comigo esses anos difíceis, me lembrando sempre que não importa o tempo que dure, eu irei conseguir.

Agradeço a todos os meus entrevistados Fulas e não Fulas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) do campus de Malês e Ceará, sem vocês essa dissertação não seria igual.

Ao irmão que a vida me deu, Iliassa Turé por me receber na sua casa em São Francisco de Condé/BH, e a minha amiga Zilda Monteiro por me receber na sua casa em Acarape-CE.

A vida é muito mais leve quando encontramos grandes amigos, por isso não poderia deixar de agradecer às minhas amigas Buia, Dime, Banuma e Jamila por estarem comigo sempre e comemorando cada conquista minha.

“O tempo é relativo, seu único valor é dado por aquilo que fazemos enquanto ele está passando”.

Albert Einstein

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar as perspectivas da instituição do casamento tradicional da etnia Fula da Guiné-Bissau como uma das práticas tradicionais mais importantes deste povo. Desta forma, sendo alto nível mais dos rituais existentes no seio desse povo, quando as pessoas casam, são atribuídos o status de responsabilidade tanto para o homem como para a mulher. A pesquisa se baseia em compreender como funciona o processo desta prática tradicional através de entrevistas aos jovens, uma vez que o casamento tem significado diferente para as pessoas de diferentes faixas etárias. Os Fulas são povos nômades por serem criadores de gado e se movem à procura de lugares adequados para as suas atividades de pastoreios, de maneira que, essas mudanças deram origem a subgrupos. Portanto, conseguiram manter a língua e o modo de realizar cerimônias do casamento tradicional com aporte religioso.

Palavras Chave: Casamento; Fula; Guiné-Bissau; Tradição; Parentesco; Religião.

ABSTRACT

The aim of this research is to present the perspectives of the traditional marriage institution of the Fulani ethnic group of Guinea-Bissau, as one of the most important traditional practices of this people. As one of the most important traditional practices of the Fulani people, when people get married, both the man and the woman are given the status of responsibility. The research is based on understanding how the process of this traditional practice works, through interviews with young people, since marriage has different meanings for people of different age groups. The Fulani's nomadic people because they are cattle breeders and move around looking for suitable places for their herding activities, so these changes have given rise to subgroups. Therefore, they have managed to maintain their language and their way of performing traditional religious marriage ceremonies.

Keywords: Marriage; Fulani; Guinea-Bissau; Tradition; Kinship; Religion.

RÉSUMÉ

L'objectif de cette étude est de présenter la célébration du mariage traditionnel du groupe ethnique des Peuls de Guinée-Bissau, qui est l'une des pratiques traditionnelles les plus importantes de ce peuple conservateur. Considéré comme le niveau le plus élevé des rituels existants dans la société peule, lorsque la personne se marie, elle se voit attribuer le statut de responsabilité, aussi bien pour l'homme que pour la femme. Notre recherche est basée sur la compréhension du processus de cette pratique traditionnelle par l'entretien avec des jeunes, car le mariage a une signification différente selon les tranches d'âge. Les Peuls sont un peuple nomade car ils sont éleveurs de bétail et par conséquent ils se déplacent à la recherche des prairies et des points d'eau pour leurs activités de pâturage. Cette migration n'est pas sans conséquence sur le plan démographique. Elle a entraîné la dislocation de la communauté en sous-groupes où certains se mélangent avec d'autres peuples ou groupes ethniques. Cependant, les Peuls ont réussi à conserver leur langue et la façon de célébrer les cérémonies de mariage traditionnelles avec des ouvertures notoires sur le plan religieux.

Mots clés: Mariage; Peuls; Guinée-Bissau; Tradition; Parenté; Religion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da distribuição das regiões da Guiné-Bissau.....	17
Figura 2 – Ilustração de uma morança.....	30
Figura 3– Vestimenta do dia do casamento.....	53
Figura 4 – Vestimenta de segundo ao sétimo dia depois do casamento.....	54

LISTA DE QUADROS

Quadro 1– Check list utilizado na entrevista.....	49
Quadro 2 – Diferença em praticar a cerimônia do casamento entre os Futa Fulas e Fulas de Gabú	65

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 CAPÍTULO I: APRESENTANDO OS FULAS	22
1.1 PERCURSO HISTÓRICO DOS FULAS.....	23
1.2 ORGANIZAÇÃO SOCIAL.....	28
2 CAPÍTULO II: CASAMENTO FULA COMO UMA INSTITUIÇÃO	34
2.1 O CASAMENTO PARA AS MULHERES FULAS.....	36
2.2 CASAMENTO OU CONTRATO SOCIAL: QUESTÕES EM TORNO DE UMA TRADIÇÃO.....	38
2.3 A RELAÇÃO DA FAMÍLIA DO RAPAZ E DA MENINA	40
2.4 HERDANÇA	43
3 CAPÍTULO III: IMERSÃO NO CAMPO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	46
3.1 TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	47
3.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	50
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	69

INTRODUÇÃO

Como uma mulher Fula, muçulmana, filha fruto de um casamento arranjado, criada inicialmente pelos avós maternos e posteriormente pela mãe, não tive a oportunidade de viver na comunidade Fula. Isso despertou em mim o interesse em entender os fatores que dão sentido e sustentação ao casamento tradicional da etnia Fula da Guiné-Bissau.

Com as crises econômicas que abalaram o mundo no começo da pandemia de covid-19, em 2020 e depois a guerra entre Rússia e Ucrânia, houve um grande aumento nos preços das passagens aéreas. Foram os motivos pelos quais não foi possível a realização na íntegra do projeto aprovado pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), que tinha como objetivo a realização de pesquisa de campo na Guiné-Bissau.

A Guiné-Bissau é um país que ainda não possui transporte aéreo, o que dificulta os guineenses residentes fora do país, principalmente, os que moram no Brasil em voltar a qualquer momento. Estas dificuldades acabam fazendo com que a maioria dos estudantes não realizem suas pesquisas no país devido ao preço caro das passagens aéreas.

A pesquisa se desdobrou conforme as possibilidades que estavam postas. Uma das opções consideradas viáveis foi irmos para o estado da Bahia, em Malês onde está situada um dos campi da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), posto que foi possível mantermos contato e entrevistas com os jovens Fulas estudantes desta instituição.

Importa sublinhar que, a UNILAB é uma das universidades brasileiras com o maior número de estudantes guineenses, visto que é composta por 50% de estrangeiros e 50% de brasileiros. Esses estrangeiros são provenientes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e do Timor-Leste. Em vista disso, realçamos que na UNILAB, cada país tem uma associação estudantil, criada como forma de manter vínculos culturais e sociais. Neste contexto, meu foco é direcionado aos jovens Fulas vinculados à associação dos estudantes guineenses.

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a instituição do casamento tradicional na Guiné-Bissau a partir dos desdobramentos das relações entre familiares da mulher e do homem. A partir disso, definimos os seguintes objetivos específicos: tentar entender como se estrutura o casamento tradicional neste contexto; tentar identificar os impactos dessa tradição na vida das mulheres Fulas; tentar compreender o papel das mulheres nesta instituição.

Quando se fala em tradição, pensamos em uma doutrina que é transmitida de geração em geração, seja por meio da escrita ou da oralidade. Nesta direção, O casamento Fula é uma das tradições mais antigas desse povo, mantida por meio da oralidade e da prática contínua, realizada em cerimônias rituais, nas quais os ensinamentos são transmitidos para as gerações futuras

Nas palavras de Kalina Silva e Maciel Silva (2009), podemos definir a tradição como um produto do passado que continua sendo aceita no presente, ou um conjunto de práticas e valores que estão enraizados nos costumes de uma sociedade. Sob outra perspectiva, o conceito de tradição tem profundas ligações com outros conceitos, como culta (cultura) e folclore.

A estrutura do casamento tradicional Fula é o mais alto nível dos rituais existentes no seio desse povo. Os indivíduos que casa no seio da cultura, são atribuídos o status de pessoas com responsabilidades, seja para homem ou mulher. O casamento tradicional Fula é considerado uma cerimônia de grande importância dentro dessa comunidade. Ele não só altera a percepção da sociedade em relação ao indivíduo, mas também muda a forma como a própria família o vê, conferindo-lhe um status elevado, repleto de respeito e consideração. Em todo caso, o casamento tradicional Fula, passa a ser algo muito importante para as pessoas pertencentes a este grupo étnico, por elevar o status da pessoa e torná-la uma pessoa mais considerável no seio da sociedade Fula.

Aparentemente, a estrutura do casamento não trata apenas das mulheres, mas envolve tanto homens quanto mulheres. Cabe ressaltar que as minhas observações de campo me trouxeram outras perspectivas sobre como o casamento é vivido por homens e mulheres. Para os homens, é mais fácil lidar com a família enquanto arranjam uma esposa, sendo, geralmente, os que aceitam a situação com mais facilidade, até porque se percebe uma dominação masculina no casamento. Assim, sabem que, de certo modo, terão mais privilégios, como, por exemplo, a participação nas tomadas de decisões importantes da família. Já para as mulheres, é mais difícil aceitar, pois toda a sobrecarga de educar os filhos e cuidar de casa acaba recaindo sobre elas. De certa forma, a importância do casamento acaba sendo diferente para homens e mulheres.

À vista disso, podemos perceber que a importância do casamento para os homens fulas está em poder fazer parte da família e participar das decisões dentro dela. Alguns jovens estão mais interessados em cumprir as práticas de seu grupo étnico para se sentir valorizados e respeitados do que em se preocupar com a paixão ou em buscar sua própria esposa. Isso

significa que a ideia de amor romântico não se enquadra muito nesse contexto, pois o amor e a paixão surgem ou se desenvolvem após o casamento

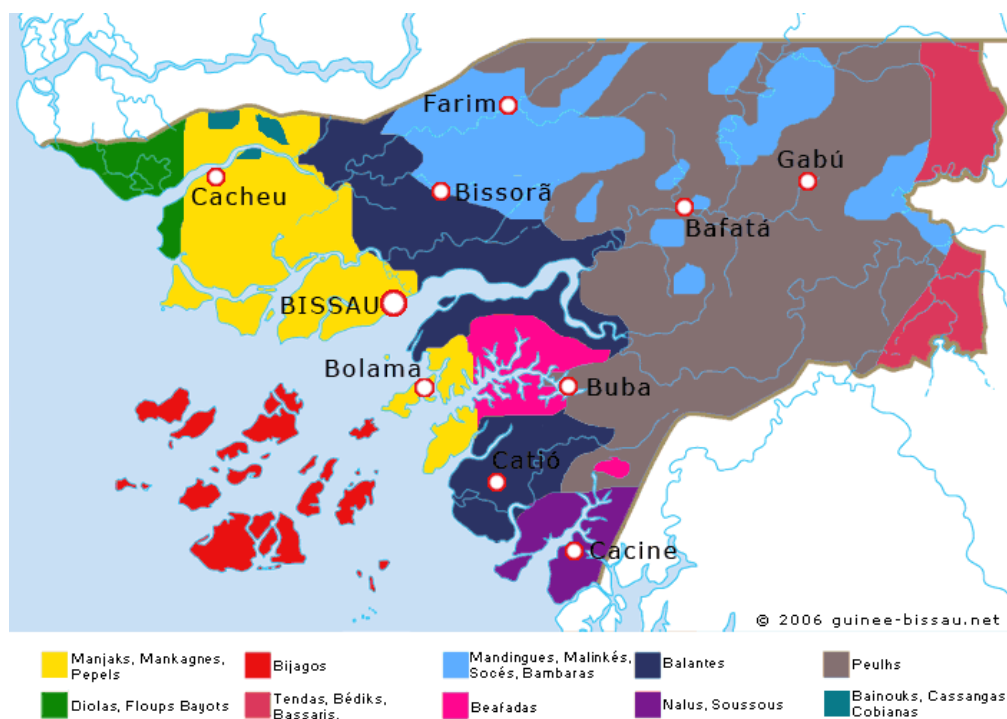
Por outro ângulo, a pesquisa busca entender a prática e os significados do casamento para alguns membros e segmentos da etnia Fula, principalmente os da Guiné-Bissau. Para isso, foram elaborados alguns questionamentos fundamentais para o desenvolvimento da investigação proposta, dentre os quais destacamos: Por que os pais dão as suas filhas ao casamento na adolescência? Será que existe uma relação entre as duas famílias? Por que as mães têm pouca decisão no casamento das suas filhas? Até que ponto esse casamento arranjado pode durar? Por que existe a instituição do casamento entre os Fulas? Qual é o papel das mulheres na manutenção dessa tradição e nas suas possíveis transformações? Por que existe a instituição do casamento entre os Fulas?

Estas questões norteadoras desta pesquisa são importantes, elas interessam a todos, mas, ao mesmo tempo, são muito amplas e não poderei responder a todas elas em uma dissertação de mestrado. No entanto, podemos apenas fornecer dados e sugestões a partir da teoria antropológica atual e de pesquisa etnografia.

Os questionamentos acima mencionados são as inquietações que despertaram em mim o desejo de estudar o referido tema. Com isso, não estou querendo julgar, muito menos condenar a tradição deste grupo étnico, mas tentar entender essas inquietações em um país com diversas práticas culturais e tradições, que a população ainda resiste em manter

A República da Guiné-Bissau está situada na Costa Ocidental do continente africano, limita-se ao norte pela República do Senegal, a leste e a sul pela República da Guiné, e a oeste é banhada pelo Oceano Atlântico. Possui uma superfície de 36.125 km² e está compreendida entre os meridianos 13° 38' e 16° 45' Oeste e os paralelos 10° 55' e 12° 40' Norte, tendo como meridiano central 15° a oeste do meridiano de Greenwich, em conformidade com o último recenseamento realizado pelo Instituto Nacional de Estatística e Censo (INEC) em 2009. A figura 1 ilustra a distribuição das regiões do país.

Figura 1 – Mapa da distribuição das regiões da Guiné-Bissau



Fonte: https://jairwpr.files.wordpress.com/2014/05/ethnies_guinee_bissau.gif?w=816&h=999

Segundo o INEC (2009), administrativamente, a Guiné-Bissau está dividida em oito regiões, a saber: Bafatá, Biombo, Bolama, Cacheu, Gabú, Oio, Quinara, Tombali e o Setor Autônomo de Bissau (SAB). As regiões são dirigidas pelos governadores regionais, que são indicados pelo Ministério da Administração Territorial. No que se refere à distribuição da população em cada região, o INEC (2009) apresenta que a maioria da população do país reside no SAB (capital Bissau), com 25,1%, seguida de Oio, com 15%, Gabú e Bafatá, com 14%, Cacheu, com 13%, e a menor população reside na região de Bolama Bijagos, com 2%.

Para Augel (2007), a Guiné-Bissau como a maioria dos países do continente africano é constituído por grupos e subgrupos populacionais de origens diversas. O mosaico étnico da Guiné-Bissau é muito variado e sofreu no decorrer de séculos muitas alterações causadas por migração, guerras de conquista e a colonização que desempenhou um importante papel na redistribuição e entrecruzamento populacional. Apesar da pequena extensão do território guineense, vivem dezenas de grupos e subgrupos étnicos muitos heterogêneos, com suas próprias culturas e línguas, em grande parte diferentes umas das outras.

Dentre as etnias presentes no território guineense, direcionamos o trabalho voltado para a etnia Fula, a qual está majoritariamente concentrada na zona leste do país, concretamente na região do Gabú, a qual, na sua composição, destacam-se os *Futa-Fulas*

(Fulas do Futa- Djalón) que tinham destruído o reino mandinga do Gabú, libertando assim os seus primos os Fulacundas ou *Fula-Foro*, nome genérico mais conhecido para designar esse grupo, o qual também se nomeia a si próprio como *Pulô Dimo* (Fula-nobre) e, por fim, os *Fulas pretos ou Fulas cativos*, os quais são descendentes dos antigos escravizados dos Fulas-Foros e dos Futa-Fulas, (Djaló, 2013).

Além dos grupos de Fulas mencionados pelo autor acima citado, existem também os chamados Fulas de Gabú, denominados assim não por fazerem parte dessa região, mas por apresentarem características físicas e uma maneira de falar a língua Fula que não são totalmente semelhantes às dos outros Fulas, como no caso dos Futa-Fulas. Por outro prisma, constatamos no universo dos Fulas diferenças no modo de praticar algumas cerimônias, entre as quais destacamos o casamento, instituição que atua diretamente na organização dessas sociedades e cujo funcionamento depende diretamente do papel que cada um dos envolvidos exerce no conjunto da tradição.

De acordo com o INEC (2009), os Fulas correspondem à etnia com maior percentagem no país, com 28,5%, seguidos pelos Balantas, com 22,5%, Mandingas, com 14,7%, e a etnia Papel, com 9,1%. Os Manjacos correspondem a 8,3%, e as pessoas pertencentes às etnias Nalu, Saracole e Sosso representam proporções abaixo de 1%. Na região de Bafatá, as pessoas da etnia Fula correspondem a 60,0%, e as da etnia Mandinga a 22,9%. Na região de Gabú, essas percentagens correspondem a 79,6% e 14,2%, respectivamente, para as etnias Fula e Mandinga. Pode-se verificar que a região de Tombali se distingue das outras pela elevada proporção de pessoas pertencentes às etnias Balanta 46,9% e Fula 20,9%. A população pertencente às etnias Felupe e Saracole corresponde a menos de 1%.

Um dos aspectos mais importantes da cultura guineense é o casamento tradicional, que, apesar de muitos anos, continua a resistir às mudanças da modernidade em quase todas as etnias e regiões do país. Contudo, na atualidade, alguns jovens estão rejeitando essa cultura do casamento tradicional, monogâmico e poligâmico, que ainda continua sendo uma prática dominante nas diferentes regiões do país. Assim, embora ainda seja muito forte, o casamento precoce ou arranjado está diminuindo no seio de alguns grupos étnicos. A diminuição dessas tradições se explica pelo estilo de vida cada vez mais urbano, com a influência das televisões e rádios, que têm programas que incentivam o abandono de tais práticas (INEC, 2009).

Outros fatores que estão contribuindo para a diminuição da prática do casamento arranjado, mesmo podendo ter um estilo de vida urbano e casamento tradicional ao mesmo tempo. Destacamos aqui o fato de que, em algumas partes do país, como na capital Bissau, o Estado proibiu os casamentos arranjados, principalmente quando se trata de uma adolescente

forçada a casar com um homem mais velho. Com essas proibições, os casamentos arranjados diminuíram, mas de toda forma não desapareceram, pois ainda hoje se verifica sua ocorrência, embora em um número menor, levando em conta as pessoas que ainda alegam seguir suas práticas culturais/tradicionais.

O casamento tradicional na Guiné, portanto, é aqui problematizado a partir da perspectiva das mulheres Fulas, as quais normalmente são silenciadas por ameaças de expulsão de casa, em meio às tradições existentes entre os grupos étnicos de vários países africanos, com destaque para a África Ocidental. Esse silenciamento estaria articulado aos mecanismos de controle e interesses políticos das lideranças familiares, por meio dos casamentos arranjados ou adotados pelos pais ou tios, determinando, assim, a trajetória de vida das mulheres a partir de seu gênero.

Antigamente, essas práticas tradicionais eram realizadas com muita frequência, sem considerar as diferentes implicações que poderiam trazer para a vida das mulheres envolvidas, inclusive em seu aspecto negativo. Consequentemente, parecia haver pouco envolvimento do Estado no que diz respeito à regulação dessas e outras práticas. Todavia, hoje já é possível afirmar que há alguma intervenção estatal nesse processo, por meio de medidas que chegam a proibir tais práticas em determinadas circunstâncias, demonstrando que é possível haver um controle sobre seus impactos, mesmo que isso envolva ações para a diminuição de sua manifestação.

Como uma prática ou um fenômeno que ocorre há muito tempo, nos casos em que a filha ceder ao “casamento arranjado”, ela pode ser sancionada, dependendo da família/pai, de maneiras variadas.¹ Perguntei aos entrevistados E2 e E3 como a família/pai reagiria no caso negassem um casamento arranjado, e eis as respostas:

Masculino, quando meu pai arranjou mulher para meu irmão mais velho ele não quis então, meu pai desistiu, ele nunca força a gente a fazer uma coisa, quando meu irmão negou meu pai respeitou, inclusive a minha irmã mais nova engravidou lá em casa mesmo, meu pai não expulsou ela, porém a gente veio perceber depois que a saúde dele começou a complicar depois que a minha irmã engravidou, ele não brigou mas a vizinhança inteira ficou falando que o meu pai estava mal de saúde porque a minha irmã trouxe vergonha para ele por isso ele estava a ficar doente. Feminino, na minha família os que foram arranjados, uma esposa ou marido, não puderam negar porque ninguém nega as tradições da nossa etnia na nossa família, meu pai sempre ameaçou que ninguém era louca de engravidar em casa antes do casamento que todos devemos respeitar os mandamentos do alcorão, eu vim para estudar no Brasil mas se um dia meu pai achar um marido eu não posso negar

¹ Já vi casos que a menina é expulsa de casa e existem casos que ela e a mãe são expulsas juntas, porque o pai alega que tudo que a filha faz é com ajuda da mãe. Isso me leva a pensar como é que essa jovem vai ser vista dentro da sua sociedade e até que ponto a religião interfere nesse tipo de casamento.

porque vão me chamar de mal educada e mimada, então eu não posso deixar minha mãe passar vergonha por minha causa, se eu negar a outra esposa do meu pai vai ficar feliz porque a minha mãe vai passar vergonha.

Percebemos uma diferença nas respostas dos sexos opostos, em que a mulher está mais preocupada com as consequências de negar um casamento arranjado, que pode recair sobre ela a sua mãe. De outra maneira, é possível ver claramente que todas as decisões radicais em caso de os filhos negarem o casamento arranjado ou de engravidarem antes do casamento dependem da família ou do pai.

Podemos ver nas declarações dos entrevistados acima, as duas famílias diferentes lidando com o mesmo assunto, mas de maneira diferente. Na família do entrevistado E2 (masculino), a família/pai é mais tranquila, porque não obriga e não sanciona os filhos no caso neguem um casamento arranjado. Já na família da entrevistada E3 (feminino), a família já vem ensinando que não há espaço para desobedecer a tradição ou o alcorão.

Ao refletir sobre essa realidade, algumas questões sobre essa instituição surgem no sentido de tentar entender seus sentidos e/ou os fenômenos a ela envolvidos: porque os pais oferecem suas filhas ao casamento? Qual o sentido dessa atitude e por que se dá de forma tão precoce? Que tipo de motivação política entre as famílias envolvidas costuma estimular essa prática? O que representa a concentração decisória na figura do pai ou do tio? O que justifica a anulação das mães nesse processo? Até que ponto esse casamento arranjado se consolida e pode durar?

A partir destas indagações, comecei a refletir a respeito das outras dificuldades que estas mulheres podem passar no processo do casamento, sem o direito de fazer as suas próprias escolhas, nesse caso, decidir sobre quem serão seus maridos. Nesse sentido, esta pesquisa pretende discutir a instituição do casamento entre os Fulas, focalizando seus pressupostos e, principalmente observando seus possíveis impactos sobre as mulheres desse grupo étnico, tendo em vista que elas são normalmente conduzidas ao casamento de forma compulsória pelas lideranças de suas famílias. Além disso, buscamos conversar com mulheres e com homens deste grupo étnico para poder analisar e entender a prática do casamento Fula de um ponto de vista feminino e masculino.

Apresentamos a seguir o esboço dos capítulos I, II, e III, sendo que no primeiro capítulo abordamos a apresentação dos Fulas, começando pela origem desse grupo, o percurso histórico até a chegada à Guiné-Bissau, país onde a pesquisa está direcionada. Ainda no

primeiro capítulo discutimos a organização social deste grupo étnico, que tem como base a poligamia e a patrilinearidade, de modo que o parentesco mais considerado é o paterno.

No capítulo II, abordamos o casamento como uma instituição que regula e determina a formação de uma família. Mostramos também um pouco o que é o casamento para as mulheres Fulas, sendo uma cerimônia que valoriza o status da mulher. Por fim, no capítulo III, fizemos uma exploração aprofundada das entrevistas feitas pelos estudantes durante a pesquisa de campo.

1 CAPÍTULO I: APRESENTANDO OS FULAS

Para apresentarmos os Fulas, não se poderia começar de outra forma senão pela sua origem, que tem várias controvérsias. Além do mais, não se pode falar de uma forma específica dos Fulas da Guiné-Bissau, porque esse grupo étnico não existe apenas na Guiné-Bissau, mas em vários países africanos. Eu arriscaria a dizer que podem ser encontrados em quase todos os continentes do mundo. Nesse ínterim, merece realçar que existem algumas controvérsias sobre esse povo, e há algumas teorias a seu respeito, embora sejam poucas, por exemplo, na Guiné-Bissau quase não se encontra material sobre elas sobre, apesar de serem umas etnias mais populosas do país.

A origem dos Fulas é um pouco confusa e contraditória. Alguns autores afirmam que vieram da Índia, do antigo Egito, da Arábia ou do Sudão. Contudo, ninguém conseguiu dizer com precisão a sua origem. A única conclusão que todos os estudiosos dos Fulas têm em comum é que são nômades, devido ao fato de serem pastores de bovinos, o que os leva a se mover de uma região para outra em busca de melhores locais para suas atividades de pastoreio. Por isso, pode-se dizer que existem diversas teorias sobre a origem dos Fulas.

A etnia Fula é uma das poucas que existem em diferentes partes do continente africano, e as variações entre eles não são grandes. Suas tradições têm se mantido por muitos séculos, mesmo com as mudanças que ocorreram ao longo do tempo. Apesar de terem sido islamizados, os Fulas conseguiram preservar a língua e diversas tradições, como, por exemplo, a cerimônia de casamento, que é uma mistura de elementos religiosos e tradicionais Fula.

Para Hampaté Bâ (2013), através do tempo e do espaço, das migrações, das mestiçagens, das contribuições externas e das inevitáveis adaptações ao meio ambiente, os povos souberam e conseguiram manter sua identidade, preservando sua língua e seus fundamentos culturais.

No continente africano, os Fulas são chamados de diferentes formas, dependendo do local ou país onde se encontram. Os nomes mais conhecidos incluem Torobé, Fulani, Peul, Pullo, Fulacunda, Futa-Fulas e Futa Toros. Embora tenham sido os primeiros a serem islamizados no continente africano, esses nomes se mantêm até hoje. Convém enfatizar que, apesar da islamização, não abandonaram totalmente suas práticas tradicionais.

Sempre que os Fulas chegam a um lugar, fazem de tudo para transmitir suas crenças culturais a outras pessoas. Depois que forem islamizados, começam a islamizar outras pessoas também, fazendo com que estes mudem seus nomes, a forma de se vestir e de comportar e até

de deixarem suas antigas crenças para virarem Fulas, porque neste processo aprendem a falar a língua dos Fulas e com o passar dos tempos acabam fazendo parte dessa etnia, porque se casam com os Fulas e fazem suas famílias na base nas crenças desse povo.

Para Moreira (1971), os Fulas representam na África sul-saariana, um dos mais importantes agrupamentos etnossociológicos, acomodando em expressão demográfica, mais de cinco milhões de indivíduos espalhados do atlântico ao Chade, especificamente no século XIX–ao longo dos tempos, têm influenciado grandemente as populações negro-africanas no meio das quais se estabelecem. Nos últimos séculos, os fulas chegaram até a assumir as lideranças políticas e militares em vastas regiões da África Ocidental, isso sob o signo do mais fanático e intransigente proselitismo islamo-religioso.

Até os dias atuais, os Fulas continuam se destacando como uma das etnias mais populosas onde quer que estejam. A Guiné-Bissau não é um caso isolado. Acredito que isso se deva ao fato de serem patrilineares, o que significa que, quando um homem Fula se casa com uma mulher de outra etnia, os filhos são sempre considerados fulas. Na maioria dos casos, são os homens que se casam fora do grupo étnico, sendo poucos os casos em que uma mulher Fula se casa como um homem de outro grupo. Por esse e outros motivos, apesar de todo o seu percurso histórico, ainda conseguem manter suas práticas tradicionais vivas. Naturalmente, algumas mudanças ocorreram, muitas delas resultado da interação e mistura com outros povos africanos.

Dessa forma, os Fulas são um povo nômade que associa a religião muçulmana com a práticas culturais e tradicionais. Atualmente, estão concentrados em mais de 10 países da África ocidental, nomeadamente: Nigéria, Gâmbia, Guiné, Guiné-Bissau, Mali, Senegal, Serra Leoa entre outros.

1.1 Percurso Histórico dos Fulas

Esta seção se propõe analisar a origem e o percurso dos Fulas até a sua chegada à Guiné-Bissau, pensar a sua localização em diversos países do continente africano e os fatores que motivaram as suas movimentações. Sempre que passam em um lugar, deixam a língua e a sua tradição, na maior parte das lendas são entendidos como nômades, devido às mudanças excessivas que fazem por conta da atividade de pastoreio e, posteriormente, para islamizar outros povos.

A maior parte das tradições orais dos Fulas menciona uma origem oriental muito antiga, apontando-se às vezes a linhagem árabe, iemenita ou até palestina, e mesmo hebraica

como fonte dessa origem, havendo apontamentos ainda mais distantes disso que os associam à Índia, e na maior parte das vezes, se concorda em dar aos Fulas a origem mais ou menos oriental, com um grau muito variado de mestiçagem entre um elemento não negro de origem semítica ou hamítica e os negros sudaneses. Sob outro enfoque, os historiadores africanos mais modernos alimentam de que os Fulas seriam de origem puramente africana. (Hampâté-Bâ, 2013).

Tauxier (*apud* Moreira 1971) defende que os Fulas pertencem a um povo de pastores de bovinos que hoje em dia, sem alguma dúvida, são hamitas inferiores e terem habitado outrora o leste africano. Em contato com os massais numa época que não podiam se fixar, de lá teriam subido para norte, ao flanco ocidental do Egito. Depois teriam seguido a orla norte do Saara, onde na época estaria mais úmido do que atualmente, e assim atingiram o sul do Marrocos sobre os contrafortes meridionais dos altas, de onde teriam sido expulsos para o Senegal, por uma expedição muçulmana provavelmente a que teve lugar sob a dinastia dos ommíadas, isso no ano 736 da era cristã.

Como dissemos no início desta sessão, a origem dos Fulas é algo mistérios[A]o e que cada estudioso traz suas teorias. Moreira (1971) separou doze teorias sobre as possíveis origens dos Fulas: 1- A teoria malaio-polonésia. Para o autor, essa teoria é aventada por G. d'Eichthal com base em supostas afinidades que existem entre a língua dos Fulas, julgaria ter encontrado na Malásia ou na Polinésia o berço deste povo; 2- A teoria hindu-malaia. Atribui aos Fulas uma origem malaio-hindustânica; 3- Teoria austro-malaia, que dá a África austral como berço; 4- Teoria da origem anamita que supõe que os Fulas são descendentes dos antigos Anamitas; 5- À teoria da origem pelasga, que faz descender dos antigos Pelasgos.

6 - Teoria da origem romana. Considera os Fulas descendentes de legiões romanas perdidas no deserto; 7- Teoria da origem gaulesa. Aponta que os Fulas descendem dos soldados gauleses transviados no deserto; 8- A teoria da origem egípcia criada por Dr. Béranger-Féraud que, pela semelhança entre os vocábulos Fulbe, Fulan, Fula e Fellata e o vocábulo Fellah, julgou encontrar afinidades entre os Fulas e os Egípcios. Segundo Tauxier (1971), o termo Fellah é aplicado em todos os países de língua árabe no Egito, como na Argélia e na Arábia aos camponeses, para os distinguir dos cidadãos que significa em árabe lavrador.

9- A teoria da origem árabo-berbere. Defendida por vários autores, mas contestada por Delafosse e Tauxier. Embora afirma que a raça Fula tenha sido em certa medida contaminada de sangue berbere; 10- Teoria da origem boêmia ou tzigana ou indo-europeus, que é da mesma origem dos boêmios ou tziganos que, expulsos do seu país no século XV pelos

mongóis, teriam alcançados o Egito através da síria, para dali se estabelecerem no interior da África central.

11- A teoria da origem árabo-islâmica que segundo o autor, todos os Fulas se atribuem e que é vulgar encontrar-se em todas as crônicas escritas dos letrados Fulas muçulmanos. 12- A teoria judaico-síria de Maurice Delafosse, que faz os Fulas descenderem de colônias judaico-sírias estabelecidas na cirenaica e formadas por antigos Hycsos, israelitas pré-moiseístas, judeus provenientes das migrações do tempo do salmão e judeus para já provenientes deportados após a tomada de Jerusalém por Ptolomeu soter cerca do ano 320 antes do cristo.

Finalmente, a 13- as teorias que atribuem aos Fulas uma origem orientalo-africana, hamita-cuchita, Etiópia ou Núbia e que é partilhada pela maior parte dos cientistas e investigadores, embora com algumas variantes e discrepâncias entre os autores.

Em certa medida, acreditamos que todas estas teorias acima citadas podem estar certas porque várias coisas do continente africanos não foram escritas. Até pouco tempo atrás, os acontecimentos eram transmitidos de geração em geração através da oralidade, onde os mais velhos sempre contam para os mais novo em forma de histórias ou contos as coisas que aconteceram anos atrás.

Desse modo, sabe-se que os Fulas estão espalhados não só no continente africano, mas também quase em toda parte do mundo. Sendo mais conhecidos como nômades e pastores de gados que passam suas vidas em constante migração, espalhando sua língua e crenças por onde passam. Conforme Djaló (2013),

Os autores portugueses situam a chegada dos primeiros Fulas ao território da atual Guiné-Bissau em meados do século XV. Os primeiros grupos de pastores nômades teriam chegado de Ferlo (Senegal) para se instalarem pacificamente no Gabú. Estes pioneiros viviam em paz com as populações Mandinga, Biafada, Bambara e constituem as primeiras colônias. Durante a segunda metade do século XV chega a segunda vaga de Fulas tendo na liderança seu lendário chefe guerreiro Koli Tenguela. Desta vez, não se fala de imigração, mas de invasão de natureza guerreira. Com esta invasão, constituem-se novas colônias, Fuladugús, em Pirada, Pachisse e Chanha. Os Fulas livres (Fula-Foros) e os Fula-Pretos fazem parte desta vaga. Hoje em dia são chamados pelo termo genérico Fulacundas. Será preciso esperar pelo século XIX para assistir à chegada massiva dos Fulas do Fouta Djallon, que vêm islamizar massivamente os Fulacundas, os Mandingas, os Beafadas, os Sossos e os Nalús (Djaló, 2013, p.70).

Podemos dizer que os Fulas tem como forte característica uma existência não dependente da fixação num único lugar, especialmente tratando-se do continente africano. De tal forma, mesmo dentro da Guiné-Bissau se encontram em quase todas as regiões do país, por

incrível que pareça, depois de vários séculos ainda continuam espalhando suas crenças, fazendo com que o grupo cresça cada vez mais.

Ainda sobre a origem dos Fulas, o Diop (1974) declara que os Fulas, primeiramente, acreditam que as suas origens vieram de uma parte da África ocidental, onde os mouros semitas e pretos mantiveram por muitos anos em contacto com os delafossos. De outra maneira, assim como outros povos do oeste da África, os Fulas certamente têm origem do Egito. Porém, uma coisa que os historiadores dizem sobre suas origens e outra é o que este ou aquele subgrupo Fula acredita sobre sua origem. Podemos dizer que, a primeira questão é de ciência e a segunda é de crença.

O percurso histórico dos Fulas, por muito tempo, se deu em viagens e expansão de suas culturas e tradições, além de conquistas territoriais e dominação de alguns grupos étnicos, como aconteceu em Mali. Segundo Hampatê Bâ (2021), quando os Fulas de Macina dominaram os Tocolores em seus territórios, para evitar que os conflitos degenerassem e se continuassem com o tempo, o chefe dos Fulas na época promoveu uma verdadeira fusão entre os reinos por via de casamentos. Ele promulgou uma lei, segundo a qual toda mulher Fula que tivesse perdido seu marido na guerra deveria se casar com um homem tocolor, enquanto que, toda mulher tocolor que tivesse perdido o marido na guerra deveria se casar com um Fula de Macina, a não ser nos casos proibidos no alcorão Sagrado dos muçulmanos.

A chegada dos Fula na Guiné-Bissau não ocorreu de forma diferente. Como dito anteriormente, a Guiné-Bissau está situada na costa ocidental do continente africano. Por esse e outros motivos, fizeram com que os Fulas conseguissem chegar até este território e conseguiram se instalar ali a fim de continuar com suas atividades de pastoreio. Apesar disso, existiam outras formas ou motivos de mudanças de território constantes por parte deles, pois com o tempo começaram a entrar em conflito para poderem permanecer ou dominar alguns territórios.

Campos (2013) aponta que com a progressão do deserto do Saara, chegou uma certa altura que os próprios pastores bovinos foram obrigados a partir. Esses povos, considerados os antepassados dos Fulas, acabaram por se instalar no Boro, Tekrur e Macina. Posteriormente, foram para Futa-Djallon, foi dali que se deslocaram mais tarde para o território que atualmente constitui a Guiné-Bissau.

O caso mais conhecido de lutas e de conquista dos Fulas na Guiné-Bissau foi na zona leste do país, precisamente nas regiões de Gabú e Bafá, onde atualmente se encontram majoritariamente, antes da invasão dos Fulas. Nesta região habitavam os Mandingas e Beafadas. Segundo Barros (1971), na tradição oral tudo indica que, há mais de 400 anos, Alfa

Molo, o então régulo de Firdu, entrou na colônia pelo regulado de Sam Cola, área do posto administrativo de Contuboel e depois de dominar algumas regiões situadas na margem direita do rio Geba em atual território da Guiné-Bissau, fixou-se em Dandum. Esse local é hoje a atual sede do regulado de Gussará, naquele tempo era povoado por Beafadas, Mandingas e Soninqués, onde ele veio atacar Chime, mas foi derrotado pelo régulo Anssumane Sambú.

Quando os Fulas chegaram no território guineense, precisamente nas regiões de Bafatá e Gabú, iniciaram uma guerra com os moradores, porque, de certa forma, foram vistos como invasores, até porque queriam mesmo dominar os territórios e governar os Mandingas e Beafadas. Entretanto, nesse conflito, os Fulas residentes em outros territórios sempre vão ajudar seus parentes nas guerras. No final, quando ganhavam botavam um régulo Fula para dirigir na cidade conquistada. Por sua vez, este islamizava e mudava o nome das pessoas que não conseguiram fugir e desse jeito ampliava os Fulas.

De fato, os Fulas invadiram e islamizaram. Depois disso, passaram a andar mais para islamizar outros povos, pois não tinham opções de negar e se negassem eram obrigados a deixar suas cidades, motivo pelo qual alguns Mandingas e Beafadas que negaram ser islamizados fugiram para o sul do país, concretamente na região de quinara, visto que habitavam na região de Gabú, antes dos Fulas invadirem. Para Júnior (2021), a islamização foi agregada aos reformistas Fulas que vieram de partes distantes da África Ocidental, a partir do século XVII, isso não quer dizer que, os Mandingas de Kaabu não tinham conhecido o islã antes dos Fulas chegarem.

Até um certo ponto, a islamização serviu como ferramenta de dominação dos Fulas contra alguns povos na Guiné-Bissau. Antes da dominação Árabe, os Fulas também tinham as suas crenças, como os demais povos Africanos e depois que foram islamizados, deixaram algumas práticas em um nível consciente, porque o islã não permite outras crenças ou divindades, a não ser do único Deus e seu profeta Mohamed, mas cada povo é islamizado diferentemente em cada tempo e lugar.

Quando os Fulas conquistavam algum território, obrigavam a todos seguirem o islã e sempre havia resistência, como por exemplo alguns Mandingas resistiram. Sobre isso, Cá Júnior (2021) vai nos dizer que isso pode ser atribuído a dois fatores: primeiro, o fato de não abandono das tradições dos antepassados que esses Mandingas nunca deixaram de praticar e segundo, às relações com os nativos dessas regiões que os colonizadores denominaram de pagãos que também nunca abandonaram os seus legados ancestrais.

Não se pode ignorar o fato de que houve perseguição por parte dos não muçulmanos, que compartilhavam os mesmos terrenos ou práticas. Entretanto, isso não foi mencionado nos

relatos existentes. Além disso, tanto os Mandingas como os Fulas perseguiram as pessoas que ainda mantinham suas crenças ancestrais. Lembrando que, do século XVI à XVIII, o islã estava mais atrelado aos Fulas do que aos próprios Mandingas. (Cá Júnior, 2021, P. 48).

Campos (2013) assegura que, em 19 de maio de 1864, os Fulas do Futa-Djallon invadiram e tomaram Kansala, capital de Kaabu (atual Gabú), alegando desvios religiosos e abusos dos Mandingas contra os pastores Fulas que pagavam tributo. Essa batalha foi conhecida por Turu-ba, determinou a destruição do grosso dos dois exércitos, porque o rei dos Mandingas, consciente da inferioridade das suas forças, explodiu as suas reservas de pólvora, no momento em que a maior parte do exército Fula já tinha entrado na povoação. Depois desta derrota, os Mandingas passaram a ficar dependentes do reino dos Fulas.

Hoje em dia, sabe-se que os mandigas chegaram o território da Guiné-Bissau primeiro que os Fulas, por volta do século XII, no período da expansão do Império do Mali, fundaram entre outros o reino ou província do Kaabu, ocupava uma área mais ampla do que a atual região do Gabú. Nesta época, o reino do Kaabu estava dependente do Império do Mali, mas com a decadência desse, foi-se autonomizando progressivamente. No fim do século XV, os Fulas, que na época tinham como chefe Koli Tenguela, invadiram a Guiné-Bissau e derrotaram os Mandinga. Depois disso, atravessaram a maior parte do território guineense até chegar ao Rio Grande, terra dos Beafadas, onde foram os Fulas rotos os vencidos, esta foi a primeira entrada violenta dos Fulas no território guineense. Entretanto, a invasão pacífica de pequenos grupos de pastores já se fazia e foi prosseguindo, com particular incidência nos séculos XVIII e XIX. (Américo Campos, 2013, p. 5).

Essa mobilidade territorial também acabou implicando no surgimento de uma organização social e política diversificada, em concordância com cada lugar em que os Fulas se estabeleceram. Cada qual apresentando sentidos e funcionamentos muito particulares, embora mantendo alguma convergência entre si, como por exemplo, a língua Fula e o islamismo.

1.2 Organização Social

A patrilinearidade é uma das formas de organização social da etnia Fula, consideram os homens como chefes da família, independentemente de a mulher é quem sustenta os filhos. Uma mulher Fula pode estar em melhor condição financeira do que seu marido, porém quando ela tiver dinheiro para comprar as coisas de casa deve entregá-lo ao marido, pois ele é quem divide para os filhos e ordena como deve ser gasto.

Para os Fulas, a mulher exerce um papel secundário na tomada de decisão dentro da família. O poder começa pelo marido, caso não esteja (pode ser pelo motivo de viagem ou da morte, vai passar para os irmãos dele, e se não estiverem vai para o filho mais velho do casal. Entretanto, até o filho tem mais poder de decisão em relação à sua própria mãe.

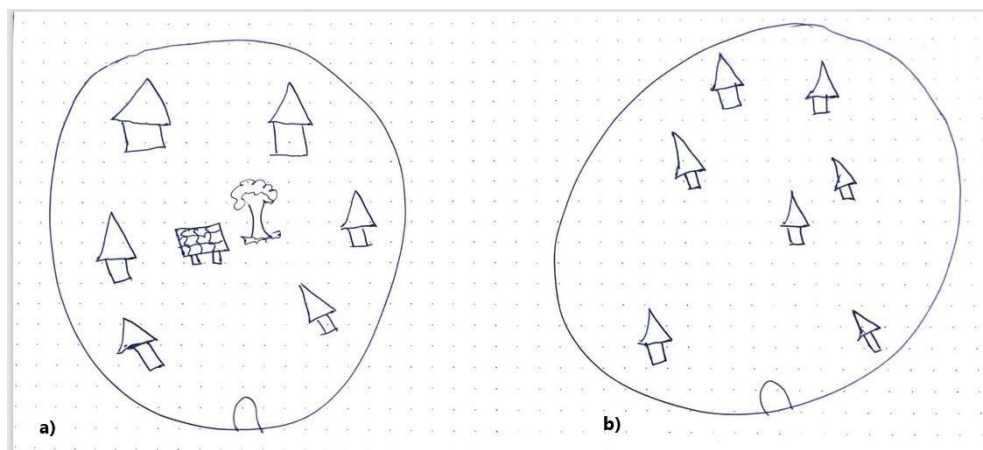
De outra forma, o parentesco considerado o mais próximo é o paterno, pois para os Fulas a linhagem paterna é considerada como a família de mesmo sangue. Por essa razão, um filho tem mais direitos na casa do seu pai em relação à casa da mãe. Quem decide sobre os filhos é o pai, e tudo que a mãe quiser com eles deve consultar o pai primeiro, e caso este já tenha morrido, ela não decide sem consultar os familiares do marido, cabendo ao irmão do pai decidir na ausência dele.

No caso do casamento, se a filha for criada pela família materna, ao chegar o momento de se casar, essa família, primeiramente, vai ter que dar as informações detalhadas, porque mesmo criando a menina, não podem tomar as decisões de seu casamento. Esse poder é da família paterna. Brito (1957) expressa que para os Fulas, o parentesco é estabelecido pela linhagem masculina e não se estabelece fora dela, ou seja, não se pode falar em família sem a linhagem paterna.

O sistema do parentesco dos Fulas não considera somente a consanguinidade ou a afinidade, percebe-se uma grande influência das amizades de longa duração, como membros da família. Um amigo do pai é considerado pai e pode exercer funções na sua ausência. O mesmo ocorre nos casamentos, um amigo da família pode escolher marido ou esposa para os filhos um do outro. Nesse caso, esses pedidos não podem ser negados por uma das partes. Se um amigo da família de uma menina for pedir a mão dela para seu filho, o pai da menina não pode negar este pedido ao seu amigo.

É muito comum, ver no seio dos Fulas, uma família muito grande. Isso se dá pelo fato deles casarem com mais de uma mulher. Sem embargo, a família torna-se em um número grande de pessoas, porque se um homem casa com três ou quatro mulheres, cada uma delas estará sujeita a ter mais de dois filhos, motivo pelo qual leva os homens com mais recursos a terem um terreno amplo para construir casa para cada mulher. Os homens com menos recursos, toda família mora na mesma casa, onde os quartos são divididos entre as mulheres e seus filhos.

Figura 2 – Ilustração de uma morança



Fonte: Elaborada pela autora

A figura 2 ilustra a imagem de uma morança, a) casas estão em volta a um pátio com uma árvore e um bentén² e b) casas estão em círculo e outras não. Morança³ (ganlé, em Fula) é composto por várias casas. Como já vimos, os Fulas são poligâmicos, os homens constroem muitas casas dentro de um muro, onde cada mulher e seus filhos ocupam uma casa e o marido, ou seja, o chefe da morança (ganlé) tem a sua casa sozinho. Deste jeito, a morança (ganlé) quer dizer o agregado familiar na sua extensão em que quem dita as ordens é o homem.

Quando o homem tem mais de uma mulher, elas têm o direito de decidir ~~dividir~~ como e quem vai dormir na casa do marido. Estabelece-se um acordo de um dia ou em dois para ficar com marido, mas quando o marido casa com uma nova mulher, ele pode ficar com ela durante oito dias, porque isso é considerado como a lua de mel. Essa semana, como permite a religião muçulmana, é considerada exclusivamente para a nova esposa e, só depois disso que elas voltam à rotina normal. Em face disso, realçamos que esses oito dias podem virias para cada subgrupo Fula, porém os oito dias é o mais comum.

O marido não pode desprezar uma mulher por outra, pois entre os Fulas, esse ato é considerado uma ofensa grave, que deve ser lavado⁴. No caso da repetição, isso pode causar divórcio. Se um homem se casa com mais de uma mulher, tem a responsabilidade de tratá-las de forma igual, não pode demonstrar desigualdade entre elas. Seja no comportamento ou na

² Bentén é um tipo de bancada feita num pátio no meio das casas para várias pessoas se sentarem.

³ Morança é conjunto de casas dentro de um único muro, essas casas podem ser de uma única pessoa ou de irmãos.

⁴ Termo usado para uma cerimônia de limpeza do pecado cometido por ele mesmo contra a sua mulher, ou seja, a mulher que ele deveria dormir na casa dela e a trocou por outra.

divisão de algum bem material. Tanto é que ele não pode dar nada para uma e deixar a outra, se não tiver meios para todas, ele não pode ajudar/fazer nada para nenhuma. Isso também acontece quando o marido que é o provedor 100% e não sustenta as mulheres, de forma igual, ou seja, quando ele presta mais atenção em uma das mulheres.

Com base em Silva (1955), a família pode ser definida como sendo um conjunto de pessoas que têm um antepassado em comum por via paterna ou um conjunto de indivíduos ligados por laços sanguíneos e vivem sob a autoridade de um chefe. Dentro da morança (ganlé), a família está organizada por hierarquias, em que o pai é o chefe máximo, seguindo pelo o primogênito, na sequência pelo filho próximo do primogênito, e assim sucessivamente. Na ausência do pai, a morança (ganlé) passa a ser administrada pelo seu irmão ou seu primogênito. Nessa hierarquia, às filhas não são conferidas o direito de dar as ordens na casa.

Para os Fulas, as meninas têm mais direitos na casa dos maridos do que na casa dos pais, sendo, por isso, elas são destinadas ao casamento. Porém, entre as mulheres dentro da morança (ganlé) existe também uma hierarquia, cada uma tem seu poder e suas limitações. Nesse contexto, a primeira esposa é a mais respeitada e mais próxima do marido.

Na divisão de alimentos, como dinheiro que o marido tira para comprar roupas e sapatos das crianças nas festas, esse dinheiro sai do marido e vai diretamente para a primeira mulher *maudho sudu*⁵. Ela é quem faz a divisão para as outras mulheres e para todos os filhos.

No caso da morte do pai, ou seja, o chefe da morança (ganlé), a contagem e a divisão dos bens são feitas pelos mais velhos, chamados de anciões da tabanca. Antes dos anciões começarem a contar os bens deixados pelo chefe da família, procuram contar primeiro os filhos para que possam saber quantos filhos tem, a fim de poderem dividir os bens de uma forma justa.

É preciso notabilizar que, antigamente, as filhas não possuíam nenhum direito sobre os bens deixados pelo pai. Atualidade existem algumas mudanças na tradição, passou-se a constatar com certa regularidade, entre alguns Fulas, os quais dividem os materiais e as casas de forma justa para os filhos independentemente se é mulher ou homem.

Como muitas das outras etnias da Guiné-Bissau que são poligâmicas. A etnia fula é uma das quais quando um homem ou chefe da família morre as mulheres dele também são divididas pelos irmãos do falecido marido. Todavia, os Fulas consideram o irmão mais velho de marido como cunhado, e, então neste caso, ele não pode herdar a mulher do irmão mais novo. Só o irmão mais novo pode ficar com a mulher do falecido irmão, não importa quantas

⁵ Termo usado para denominar a primeira esposa do homem na língua Fula.

mulheres, ele tinha antes do seu irmão morrer, se ele for o indicado para a família então tomará conta da mulher e dos filhos.

Em outros casos, a mulher tem direito de indicar com qual dos irmãos ou primos mais novos do falecido marido pretende ficar. Muitas vezes, os herdeiros são indicados, a mulher aceita se quiser, não sendo obrigada a aceitar ser herdada. É simplesmente uma questão de entendimento, e ela tem todo direito de decidir se vai ficar na casa ou não.

Para os Fulas, esse ato é considerado uma questão de proteção às crianças. Em vez de, após a morte do pai, elas são levadas e criadas pelo outro homem se a mãe vier a casar com outro ou voltar para casa dos pais, a família prefere que elas sejam criadas pelo tio, assim ficarão na mesma família ou morança (ganlé). Esse fator também contribui a poligamia dos Fulas, porque, se um jovem tiver só uma mulher e depois o seu irmão mais velho morrer, ele é convencido a casar com a mulher do irmão falecido para não deixar que as crianças possam ir com a mãe.

Em casos em que a mulher não cede a herança, os filhos são distribuídos entre os irmãos ou primos do pai, em conformidade com as condições financeiras de cada. Nesse caso, a mãe é obrigada a deixar suas crianças e partir para outro casamento ou retornar para sua família. Cabe dizer que há casos em que a mulher vai com os filhos, mas isso tudo depende da família do marido e da relação entre a viúva, com os cunhados e sogros.

A organização social dos Fulas tem mostrado algumas mudanças, no que tange ao contexto urbano e rural. No que se refere ao contexto rural, vê-se uma grande diferença nos comportamentos e decisões por parte de um pai de família em relação ao casamento, nessa zona as práticas culturais e tradicionais ainda se mantêm mais fortes.

As famílias que moram na zona urbana por várias gerações, estão mais maleáveis quando se trata de arranjar casamento para os filhos, dos relatos que recebi no campo, a maioria dos entrevistados vieram da zona urbana, onde pude perceber através das suas falas que os pais respeitam quando eles ou os irmãos não querem se casar com uma/un prometida/o da família, enquanto que a pequena parcela que conversei que veio da zona rural não tem essa opção de negar quando o pai arranja esposa/o para filhos.

Na zona urbana, sobretudo na capital, já existem leis que proíbem casamentos arranjados e precoces. Dessa maneira, os Fulas residentes nesta localidade tendem a obedecer às leis do Estado, motivo pelo qual esses casamentos não têm grandes números de praticantes. De outro modo, o Estado e as Organizações Não Governamentais (ONGs) têm criado abrigos para as jovens mulheres que não aceitam esses casamentos e que, conseqüentemente, são expulsas dos lares dos seus familiares.

Acredito que não só a questão das leis criadas pelo Estado para proibir os casamentos arranjados estão fazendo com que essa prática tradicional diminua. Geralmente, as famílias que moram na zona urbana tendem a ter mais condições financeiras para cuidar das suas filhas. Ao passo que, quando se vive na zona rural tende a ter poucos recursos financeiros para manter uma grande família, como dos Fulas, em que o homem tem mais de três mulheres e cada mulher tem vários filhos. Em muitos casos, o pai é o único provedor de casa.

Posto isso, os contratos matrimoniais cobrados com bens materiais ou financeiros de alguma forma acabam contribuindo no sustento por um tempo para a família, além de ser menos uma pessoa para sustentar. Na zona rural, existem contratos feitos antes mesmo da menina nascer, em que o pretendente ajuda a família da menina nos trabalhos de plantação ou colheita anualmente até a menina chegar à idade estipulada pelos pais que ela pode casar.

2 CAPÍTULO II: CASAMENTO FULA COMO UMA INSTITUIÇÃO

O casamento tradicional da etnia Fula é uma instituição que regula e determina a formação de uma família ou cidade. Por muito tempo na Guiné-Bissau, os Fulas da zona rural quando se casam pela primeira vez, saem de casa dos pais e vão formar seu núcleo em outro local com sua primeira mulher, posteriormente com filhos e formam a galle (morança).

No contexto social dos Fulas, o casamento sempre esteve presente, é considerado como uma das cerimônias mais importantes, sendo o terceiro e último ritual de um Fula. O primeiro é o batizado, é feito quando a criança tem sete dias de vida, o segundo a iniciação e o terceiro o casamento. Bettega (2007) discorre que o casamento pode ser visto como expressão de um valor utilizado pela cultura, como forma de manifestação com características específicas que indicam sua organização, reprodução e perpetuação. Para entender o fenômeno do casamento como uma instituição, deve-se considerar invariavelmente, o contexto sociocultural em que ocorre.

Partindo deste ponto de vista, percebemos que o casamento tradicional é diferente do casamento civil nas sociedades africanas. Existem pessoas ou etnias que consideram mais o casamento tradicional da sua etnia em relação ao casamento civil. Particularmente, no caso dos Fulas, muitas pessoas costumam fazer os dois tipos de casamento, tendo em vista que, no primeiro, os casais têm que cumprir todos os requisitos da tradição Fula, caso pretendam casar no civil posteriormente.

Esse tipo de prática é comum na Guiné-Bissau, visto que o Estado guineense não reconhece oficialmente o casamento tradicional. Grosso modo, para que os casais tenham nos seus documentos o status de casado, é preciso formalizar isso na instância civil nos cartórios.

Ao analisar o fato de o casamento dos Fulas começar primeiro com a cerimônia do casamento tradicional e posteriormente o civil, percebemos uma grande (valorização) consideração por parte deles em relação às suas práticas tradicionais e/ou culturais. No seio dos fulas, toda prática de cerimônia ocidental vem depois, fazerem os seus costumes. Priorizar ou estabelecer uma ordem de como as cerimônias devem acontecer, de certa forma, é uma resistência para que as suas práticas tradicionais não se percam e sejam valorizadas.

No artigo 1º da Constituição nacional de registra-se que: “A Guiné-Bissau é uma república soberana, democrática, laica e unitária”. Assim, no modelo de Estado guineense, o casamento tradicional, envolto em elementos diversos, inclusive os religiosos, não pode figurar como instância primeira das uniões conjugais.

Como consequência, os povos locais acabam tendo que lidar com a falta de legitimidade de suas práticas ou tradições conjugais, tendo que aderir a um modelo de casamento geral e uniformizante, apesar do país ter uma população composta por diferentes tipos de culturas, com suas práticas e seus costumes específicos.

Sob outra perspectiva, é possível observar outros contextos nacionais nos quais a política relativa ao casamento adota um outro princípio, como no caso de Moçambique, onde há uma lei que reconhece oficial e juridicamente os casamentos tradicionais:

A Lei da Família promulgada em 2004 (Lei nº 10/2004) reconhece como legítimas as uniões civis, religiosas e as uniões de fato, que correspondem àquelas em que os cônjuges vivem juntos por no mínimo 6 anos. Com isso, essa nova legislação legitima os casamentos tradicionais realizados por meio do lobolo e outras diversas formas de uniões conjugais existentes no país. Comprovando a coabitação, casais que apenas são casados pela via tradicional e não realizaram cerimônia civil passam a ter os mesmos direitos perante a lei 92. Além disso, essa nova legislação implementou um sistema de regime de comunhão de bens para os casais que não fizeram provisões da divisão de propriedade, o que garantiu minimamente às viúvas (e viúvos) o acesso a parte dos bens antes deles serem divididos entre os outros herdeiros (Silva, 2019, p. 56).

Ainda nesse sentido, é pertinente destacar que os casamentos são distintos também quanto ao seu aspecto religioso. Borges (2009) expressa que:

O casamento Islâmico é um contrato civil baseado em consentimento mútuo do noivo e da noiva, diferentemente da forma sacramental do casamento. A maior parte dos incidentes do contrato é consequentemente aplicável a tal tipo de casamento; por exemplo, a consideração do casamento na forma de dote, a quebra do contrato pelo divórcio, ao dar direitos legais e obrigações nas partes contratuais, e concedendo não mais poder ao marido do que o contrato lhe dá, de uma maneira lícita. O casamento islâmico não requer nem padre nem direito sacramental. Requer apenas o registro do consentimento mútuo (Borges, 2009, p. 34).

Por sua vez, a Bettega (2007) expressa que o casamento não passa de uma instituição que marca a vida das pessoas pela passagem que ele produz, porque, o casamento tem se manifestado ao longo dos tempos, em um dispositivo que está identificado dentro dos grupos sociais, como uma parte da representação da cultura.

De certa forma, podemos considerar o casamento da etnia Fula como um marco na vida das pessoas desse grupo étnico. Este processo marca a vida dos jovens e define uma nova trajetória deles, além de representarem suas práticas tradicionais, o casamento marca um novo começo, não só de criar uma família, como também de um novo status de pertencimento que vai além da família.

Por esse meio, nesse tipo de casamento, os homens vão ter seus posicionamentos e suas responsabilidades e as mulheres também não seria diferente, ou seja, elas terão obrigações e funções para desempenhar dentro de seus casamentos, embora não sejam funções iguais às dos homens.

2.1 O casamento para as mulheres Fulas

O casamento tradicional é uma das cerimônias de valorização de status de uma mulher. Ao se casarem, elas se tornam mais importantes, ou seja, completas e mais responsáveis. Quando uma mulher Fula se casa, passa a ser dona dela mesmo. Importa realçar que, os Fulas não tem idade que determina que uma menina passou a ser responsável por si mesma morando na casa dos pais. Neste contexto, uma mulher se torna responsável para a sociedade Fula só depois do casamento. Borges (2009) diz que na tradição, o casamento representa não só a dignidade, mas também o respeito e maioridade para uma adolescente que escolheu não se casar, ela sempre é considerada como quem não tem responsabilidade.

Em termos sociais, para uma mulher Fula, existe uma determinada idade para o casamento, quando uma mulher ultrapassa essa idade sem ter marido, tanto a sociedade quanto a família a condena. Então, o casamento torna-se fundamental na vida de uma mulher Fula.

Levando em consideração que a etnia Fula é uma etnia islamizada e para a religião muçulmana, uma mulher não pode ter relações sexuais antes do casamento para que ela possa satisfazer e realizar a sua vida sexual, precisa se casar o quanto antes, pois o único homem legítimo para ter relações sexuais é o seu marido. A mulher Fula é educada para ver em seu marido como pilar da família, com quem ela pode confiar sua vida e a dos seus filhos.

Na família da mulher, ela passa a ser mais respeitada pelos pais e o resto da família, começa a ter mais privilégios nas decisões tomadas pela família. Ou seja, ela também passa a fazer parte ou ser consultada antes que qualquer no seio de outras mulheres seja executada. Além disso, o casamento das mulheres Fulas alguns bens, ela administra e usa como quiser, pois o dote que marido paga ao fazer a negociação é da responsabilidade dela. Portanto, ela é a dona de tudo aquilo que ganhou do marido.

Além dos privilégios encontrados no casamento, as mulheres Fulas têm grande responsabilidade para ajudar a alcançar as expectativas dos seus pais e as suas próprias expectativas. Os pais das meninas sempre têm expectativas, ou seja, esperança de que a filha respeita o seu marido e os familiares, honrar o compromisso e não trair o marido.

Zordan, Falcre, Wagner (2009) explicam que:

Entre as expectativas que ocupam uma posição intermediária, aparecem aquelas mais relacionadas ao casamento tradicional, isto é, ligadas à segurança emocional, manutenção de um lar, crianças felizes e saudáveis e segurança econômica, ao mesmo tempo em que aparecem expectativas voltadas para a relação: atividades de interesse comum e desenvolvimento da personalidade. Essas expectativas explicitam a concepção do casamento como uma forma de constituição de família atendendo aos anseios de ter filhos, construir um patrimônio e favorecer o desenvolvimento de todos os seus membros (Zordan, Falcre, Wagner. 2009, p. 70).

Notamos que a educação das crianças é uma das expectativas para que os casais se esperam, e, nesse caso, as mulheres Fulas têm muita responsabilidade na educação das crianças. Elas passam mais tempo com as crianças em relação aos pais. A principal responsabilidade dos pais Fulas é cuidar das despesas e da alimentação dos filhos, enquanto as mães, mesmo trabalhando profissionalmente, são responsáveis por passar mais tempo com as crianças, cuidando da educação como dito acima.

Com toda essa importância e os privilégios conquistados depois do casamento, existe também outras mulheres que não querem casar com a idade que os pais querem que elas se casem. Isso pode causar discussão entre a menina e os pais, podendo levar até à fuga da menina, pois muitas preferem dar continuidade aos seus estudos e depois casar. Para Garrafão (2007),

De uma maneira geral, a verdade é que algumas mulheres fogem antes ou depois do casamento. Das que fogem, umas conseguem dar continuidade aos estudos e outros objetivos de vida. Entretanto, na escola, há aquelas que acabam ficando grávidas precocemente, seja com colegas de escola ou não. Das que não fogem, umas casam devidamente e preferem acreditar que com o tempo vão aprendendo amar o marido arranjado (Garrafão, 2017. p. 36).

Quando os pais obrigam as filhas a se casarem, estas, por sua vez, nem sempre aceitam que o casamento seja seu destino, seja por não conhecer o marido proposto ou por terem algum objetivo para a vida delas. No entanto, os pais persistem com o arranjo do marido, muitas vezes, algumas meninas tomam decisões drásticas para não casar, tem umas tiram a própria vida ou tentam.

Diante desse aspecto, para a realização do casamento, existem algumas normas entre as quais os cônjuges ou seus familiares terão que cumprir para a realização da tal tradição, em que vai começar pela negociação entre famílias, o que poderia ser um tipo de contrato que ambos os lados terão que cumprir.

2.2 Casamento ou contrato social: questões em torno de uma tradição

O dote é uma das partes dos materiais que compõem a legalização de um casamento da etnia fula, e pode ser pago com gado e dinheiro. Para que o casamento seja validado é necessário que a família do noivo ou o próprio noivo pague o dote à família da noiva. Sem o pagamento do dote o casamento não pode ser considerado legal, nem a noiva vai poder morar como o seu noivo. Para Azevedo (2015), o lobola é essencial para que a noiva possa morar com seu conjugue, não há outra maneira de fazer com que possam morar juntos, porque é a transferência de gados que proporciona a mudança da noiva.

Ao falar do dote, podemos notar que é uma troca de mulher por materiais ou gado. Azevedo (2015) aborda que não existe um preço ou número de vacas fixo para a cerimônia de uma lobola, mas sim isso varia de família para família ou de grupo das pessoas que fazem essa negociação. Embora agora o lobola seja pago em dinheiro ou em transferências bancárias, porém as vacas são a base para uma negociação, porque é com elas que os negociantes podem caracterizar a noiva. Se uma noiva tem filhos, os números de cabeças de gados ou a quantidade de dinheiro paga pelo dote dela não seria o mesmo que vai ser pago para uma mulher que não tem filhos e virgem. Ainda para o autor:

Discutido na vida cotidiana com certa persistência, o lobola transcende o casamento e motiva diversas especulações, expectativas e desejos sobre a mudança de casa. O casamento tradicional zulu, chamado de umshado, é composto por três prestações matrimoniais principais: o lobola, o umembheso e o umabo. O lobola é a prestação inaugural e, como ficará claro ao longo do artigo, há uma homologia entre o movimento de animais (vacas, cabras e ovelhas) e a mudança de casa de pessoas. Para que as pessoas se mudem (ancestrais, noivas e crianças), os animais precisam se movimentar também (Azevedo, 2015, p. 25).

Ao iniciar as negociações de um casamento dos Fulas, primeiro a família do noivo manda uma comitiva para perguntar à família da menina se ela não tem nenhum compromisso com outro homem. A comitiva é composta por imames⁶ e homens mais velhos, amigos ou vizinhos da família do rapaz, não é permitida a presença de mulheres. Levam 5 (cinco) colas⁷ brancos amarrados num lenço branco e colocados numa cabaça, caso a resposta da família da menina é que ela não tem nenhum compromisso e a família também não pretende dar a nenhum rapaz, a partir daí a comitiva começa o pedido do casamento aos pais.

⁶ É um título muçulmano que se refere a um sacerdote que dirige as orações na mesquita.

⁷ Cola, normalmente se refere às sementes de espécies específicas de plantas de Cola que é usada para celebrar casamento, abençoar chegada de um novo filho ou celebrando a prosperidade em sua comunidade.

Caso os pais da menina aceitassem dar a mão da filha ao rapaz que mandou a comitiva pedir, voltam para casa do rapaz para informar à família que o pedido foi atendido e podem já preparar para irem negociar o preço da noiva. O dote é para que a menina possa ser considerada como noiva do rapaz, porque sem o pagamento do dote ela não é considerada noiva do menino.

Grosso modo, não vai existir nenhum compromisso antes que seja feito aquele pagamento. Se aparecer outra família querendo a mão da menina, a família pode aceitar sem nenhum problema, porque a outra família só perguntou e não pagou ainda pelo compromisso. Porquanto se pagaram aí não vai ter como a menina ser cedida a outro rapaz sem quebra daquele primeiro compromisso. Para quebrar um compromisso já feito, é necessário que a família da noiva devolva todos os bens dados pela família do rapaz, aí não vai existir compromisso entre eles.

Vale a pena realçar que o casamento dos meninos Fulas pode ser entre família, em que os primos cruzados e paralelos podem se casar. Quando fazem as negociações o preço da noiva pode variar dependendo da ligação que pode existir os cônjuges ou das suas famílias. Por exemplo, se os dois são primos, o preço pode ser menor em relação ao de um homem pertencente a uma outra família e outra região querendo a mão da menina.

Quanto aos bens dados pelo dote de uma menina, ninguém da família dela, nem sequer o pai ou a mãe pode usufruí-lo. Alguns membros da família, como no caso do pai, a mãe e das tias, as irmãs do pai da menina têm suas partes naqueles bens do dote. Ou seja, a noiva tem todo o direito à parte dela, mas que há outras partes para a mãe, tia e pai dela se por algum motivo um membro da família da menina precisar usar alguma coisa que é paga pelo dote, ele/a vai ter que fazer empréstimo, depois terá que pagá-la. Para Borges (2009), a mulher tem todo direito nos seus pertences ou materiais antes e depois do casamento, além do mais, ela possui diferentes maneiras de execução sobre os pertences do seu marido para seu dote antes do casamento.

A menina é considerada noiva do rapaz só depois dele ou a família ter cumprido com os requisitos pedidos pelo dote da menina. O valor do dote depende de cada família ou tipo de fula. Tem fulas que cobram gados, os que cobram dinheiro, outros pedem dinheiro, mala de roupa e carneiros. Entretanto, os carneiros pedidos pelo dote não podem ser machos, porque os animais que são dados pelo dote de uma menina, só podem ser animais fêmeas, a fim de gerar mais filhos para aumentar os bens desta mulher.

Para Borges (2009),

Em geral, é o homem quem deve tomar a iniciativa e que o casamento compreende quatro etapas: a primeira, o pedido do homem, a segunda etapa, a resposta da mulher e a aceitação das condições (contrato de casamento), a terceira, a presença de duas testemunhas e a quarta e última etapa, o homem deve presentear sua esposa com um dote (Borges, 2009, p. 35).

O noivado e o casamento dos Fulas não acontecem no mesmo período, pode até durar anos entre o período do noivado e o do casamento. Depois de cumprirem todos os requisitos precisos para um noivado, começam as negociações para o casamento. Ao negociarem o casamento dos Fula, de novo a família do rapaz delega uma comitiva para tal, e desta vez as colas levadas nos embrulhos vão acima de 100 (cem), mas não podem ser números pares sempre em números ímpares.

A partir do momento em que as colas são levadas e o compromisso é firmado entre as duas famílias, a menina passa a pertencer totalmente ao seu marido, ou seja, ela pode ir morar na casa do marido quando ele pedir. Qualquer que seja o tempo que o rapaz quiser realizar a cerimônia de cobrir pano branco a menina e tirá-la de casa dos pais para morar juntos, ele pode levá-la sem nenhum problema.

Para o entrevistado 2M, os Fulas seguem os mandamentos do profeta Mohamed para determinar os números pares e ímpares, seguem a lógica de que a terra foi criada em 7 dias, a semana tem 7 dias, e antes de cada oração/reza, fazem a purificação com água limpa, e essa purificação tem que ser em números ímpares. Para isso, as colas também têm de ser levadas em números ímpares.

Merece ressaltar que, com ou sem a cerimônia de cobrir a menina com pano branco, há uma grande festa que dura entre 2 a 8 dias, dependendo do tipo de Fula ao qual pertencem. O noivo pode tirá-la de casa dos pais, mas com outra negociação, a delegação feita do noivo ou dos familiares vai só pedir à família da noiva que a emprestem ao marido por um determinado tempo, depois ela vai voltar para ser coberta com o pano branco. Mesmo não tendo feito ainda a festa do casamento podem ter filhos.

2.3 A relação da família do rapaz e da menina

A relação da família do rapaz e da menina começa muito antes do casamento, sendo um processo que pode durar vários anos, podendo começar mesmo antes dos dois nascerem. Nesses casos, a relação entre as duas famílias conduz ao início do processo do casamento, em que um tio pode arrumar marido para a sobrinha, mesmo o pai estando vivo. Esse tio pode ser da família de sangue ou um simples amigo de longa data.

Quando um membro considerado da família arruma marido ou esposa para os filhos, é considerado que foi o pai que arranjou. Logo, para os Fulas existem outros laços considerados família para além da consanguinidade. Depois dos acordos serem firmados entre as duas famílias, criam uma aliança ou um laço a partir do momento em que há interesse por parte de um membro da família.

O casamento Fula, pode ser entre primos cruzados e paralelos⁸ ou não, existe as trocas, o melhor, o pagamento feito por parte do pretendente para poder levar a noiva para sua casa ou família. Com base nisso, acentuamos que nem sempre o valor que um primo paga é o mesmo para uma pessoa de fora, dependendo da família da menina, o pagamento e as exigências são mais rígidos quando o rapaz vem de fora.

Brito (1958) argumenta que a primeira mulher de filho é buscada pelo pai, isto é, o chefe da morança (ganlé). Ele tem o direito de buscar para os seus filhos adolescentes uma mulher sem consulta, buscando ou contratando a sua vontade o casamento matrimonial com qualquer outra família de preferência a seu parente.

Essa relação de quem pode ou não buscar uma mulher para um rapaz na sua família vai depender da relação familiar que existe no seio deles. Não somente o pai ou a mãe que tem o direito ou a obrigação de buscar esposa para o filho. Nesse caso, a irmã do pai também pode exercer essa função, e o rapaz por sua vez só cabe-lhe aceitar, não pode negar ou desobedecer. Radcliffe-Brown (1973) comunica que:

A irmã do pai de um homem está acima de todos os demais parentes a quem ele deve respeitar e obedecer. Se ela escolhe uma esposa para ele, cabe-lhe casar-se com ela sem mesmo atrever-se a fazer reservas ou levantar objeção alguma; e o mesmo em tudo o que diga respeito à sua vida. A irmã do pai é sagrada para ele; sua palavra é lei; e uma das maiores faltas de que possa ser inculcado seria mostrar-se desrespeitoso para com ela (Radcliffe-Brown, 1973, p. 30).

Observamos que a relação entre a família do rapaz e a da menina pode influenciar na união dos dois. Na etnia Fula, os tios irmãos do pai têm o direito de dar as suas sobrinhas em casamento, assim também pode pedir para que o filho dele case com a filha da sua irmã/o.

A família dos Fulas é grande, tal organização social resulta entre outros aspectos, ao fato de considerarem uma amizade de longa data como família de sangue. Por isso, um grande amigo do pai de uma menina pode também ter toda autonomia sobre a menina, porque já é considerado membro da família e tem o grau de um tio.

⁸ Primo cruzados São primos do irmão do sexo oposto de um dos pais e primos paralelos são primos do irmão do mesmo sexo de um dos pais.

Djaló (2013) explana que:

Por razões de ordem econômica e social [MAS QUAIS RAZÕES?], no contexto de família alargada, a paternidade biológica é, em muitos casos, menos importante do que a “paternidade social”. Por outras palavras, alguns membros influentes da comunidade ou da família, por exemplo, os tios, podem ter uma influência sobre uma criança do que o seu pai biológico (Djaló, 2013, p. 25).

Notamos que na etnia fula, a relação existente entre a família da menina e do menino muitas vezes influencia no casamento dos dois, porque o casamento, ou seja, o compromisso pode existir muito antes da menina nascer. Quando a mulher fica grávida, o marido pode decidir que, se ela tiver uma menina, vai se casar com um dos filhos do seu irmão ou do seu grande amigo, isto é, a prima paralela patrilateral. Essa proposta pode ser feita pelo pai da criança na barriga ou se um membro da família for pedir ao pai que depois que a menina nascer e estiver na hora de se casar, ela case com seu filho.

Conforme Gley Costa (2007), do ponto de vista prático, o casamento se verificava em um acordo formal entre o noivo e o pai da noiva, que incluía algum modo de pagamento por parte do pai do rapaz. Esse tipo de casamento não levava em consideração a vontade da noiva nem dependia da sua autorização para a realização do acordo nem da celebração do casamento.

Na maioria das vezes, quando uma menina nasce, uma pessoa passa na sua casa e amarra uma corda no braço da criança para pedir a mão dela para seu filho. Isso não significa que aquela corda vai ficar definitivamente na mão da criança, mas sim simboliza que ela já tem seu futuro marido.

Com isso, a menina já nasce destinada a um homem, assim é feito o compromisso, o rapaz pode passar a fazer alguns trabalhos na casa dos seus futuros sogros como uma parte de respeito e para mostrar que tem interesse na menina, Além dos trabalhos pode ajudar na colheita de arroz e de milho, na lavoura e no pastoreio de gados, também pode ajudar os pais a tomar conta da menina como nas compras de roupas e calçados nas festas.

2.4 Herdança⁹

Optei por usar o termo herdança porque, enquanto guineense, usar um termo na língua crioula faz mais sentido para mim. Não quero que perca a informação que o termo significa para nós os guineenses (principalmente do grupo étnico Fula e Pepel), quando se fala herdança pode estar a referir de herdar bens materiais de uma pessoa para seu falecido pai, mãe ou marido. Assim como de um irmão mais novo herdar a esposa do falecido irmão.

A herdança ou herança se refere a um conjunto de várias coisas que um falecido deixa para seus entes queridos, podendo ser bens materiais, direitos e obrigações. Assim sendo, aqui vou me referir mais na questão da herdança de obrigações, porém, sem deixar de lado as outras coisas que podem ser herdadas, como os bens materiais.

Quando um homem Fula morre, a primeira preocupação da família é como vai ser o futuro dos filhos, principalmente o da viúva, porque a família do homem se sente na obrigação de cuidar dos filhos do falecido. Assim, a primeira proposta feita à viúva é sobre a herdança a sua, em que ela pode se tornar esposa de um dos irmãos mais novos do falecido marido. Mesmo que todos os irmãos mais novos do falecido tivessem esposas, ela pode se tornar a segunda, a terceira ou até a quarta esposa. Um detalhe muito importante: não acontece herdança de esposa com os irmãos mais velhos, porque estes são considerados como cunhados.

No momento da decisão, a mulher pode escolher com qual dos irmãos quer ficar, em alguns casos, a mulher escolhe. Caso o irmão do falecido marido escolhido não aceitar a mulher, às vezes decide não ficar com nenhum dos irmãos. Destarte, ela pode voltar para a casa dos pais dela, podendo ir em paz ou não porque quando se existe filhos é mais complicado ainda, a família do falecido marido, às vezes quer ficar com os filhos para criá-los.

Quando se há desavenças a respeito de qual família ficará com as crianças, a situação se complica ainda mais. Isso porque a família do rapaz vai querer tirar as crianças da mãe justificando que a casa delas é com a família do pai. Acredito que isso aconteça, porque os Fulas são patrilineares, fazem de tudo para que os filhos cresçam na casa do pai. Quando a mulher não se deixa ser herdada, arrumam um jeito de fazer com que não saia da família.

⁹ Herdança no contexto em que quando um homem pai de família morre os seus irmãos herdam sua esposa e seus filhos

Algumas mulheres acabam ficando por conta das crianças e de não querer perder os bens que o marido tinha construído.

A herança de mulher não acontece só quando o marido morre e a viúva é herdada pelo irmão mais novo. Em alguns casos/famílias, pode ser vice-versa, quando a esposa morre, a família dela pega a irmã mais nova da falecida e entrega para o viúvo casar-se com ela. Nessa situação, a justificativa é que a irmã mais nova cuidará dos seus sobrinhos.

Tanto na herança de um homem quanto na da mulher, ambos vão ter filhos com os parceiros que os herdaram. Um fato curioso é que, no caso dos Fulas da Guiné-Bissau, não consegui saber se tem um nome para esses tipos de irmãos (irmão e primo ao mesmo tempo). Durante a entrevista que realizamos no campo, a entrevistada 3F frisa o seguinte:

Para nós eles são irmãos, não importa se são filhos de duas irmãs ou dois irmãos com o mesmo pai ou mãe, até porque os filhos de dois irmãos são considerados irmãos não primos e quando duas irmãs têm filhos eles também são irmãos não primos. Quando meu tio morreu, a esposa dele foi herdada pelo meu outro tio, irmão do que morreu. Ele tinha dois filhos com a esposa, depois da cerimônia de herança ela foi morar com o meu tio mais novo, tiveram mais dois filhos, os meus quatro primos são irmãos, não se pode dizer que entre os quatro são primos até porque são da mesma mãe.

Podemos considerar que o conceito de irmão não é só quando se trata de primeiro grau. Acreditamos que no caso que acabamos de acompanhar, não são irmãos de primeiro grau, por não serem da mesma mulher e do mesmo homem. Porém, no contexto Fula, eles são considerados como se fossem irmãos do primeiro grau.

A herança não se limita somente à questão de matrimônio, estende-se até nos bens materiais. Quando um homem de família morre os seus bens são divididos entre os filhos. Um fato, bastante curioso é que nem todos os filhos são dignos de receber a herança. Quando meu pai faleceu depois da cerimônia de 40 dias, os familiares dividiram os seus bens para os filhos. Eu sou a segunda filha, recebi alguns bens que ele deixou, mas o meu irmão mais velho não recebeu nada. Quando fui questionar o porquê ele não receber, sendo que até a minha irmã caçula que na época tinha os mesmos de dois anos tinha recebido, disseram-me que o meu irmão não era considerado filho do meu pai nos olhos de Deus.

A herança não se limita apenas à questão do matrimônio, porém estende-se também aos bens materiais. Quando um homem de família falece, seus bens são divididos entre os filhos.

Isso porque a mãe dele não casou com o meu pai. Os dois namoraram e tiveram o meu irmão, mas como o namoro é proibido, não tiveram a oportunidade de casar de forma

tradicional dos Fulas. Outra questão também é de a mãe do meu irmão ser de outro grupo étnico, o que seria mais um obstáculo para os dois.

A maioria dos atos dos Fulas são baseados na religião muçulmana. Como não é permitido adultério dentro ou fora do casamento, um filho/a fruto dessa relação não é considerado legítimo. Por isso, não pode receber herança do seu pai biológico quando os dois nunca se casaram.

3 CAPÍTULO III: IMERSÃO NO CAMPO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A opção do nome deste capítulo deu-se pelo fato de acharmos necessário trazer com mais profundidade a experiência vivenciada no campo, tendo em conta a mudança do local da pesquisa. Inicialmente a pesquisa era para fazer na Guiné-Bissau, mas devido ao valor das passagens aéreas, no momento decidimos fazer na UNILAB, com os Fulas que estudam nessa instituição. Nos termos de Tânia Stolze (2013), a imersão é um conceito marcado por uma ambivalência constitutiva, porém, é positiva, porque a imersão é total quando consiste em nosso envolvimento e comprometimento com as relações sociais que as pessoas propõem.

Neste capítulo, abordaremos como foi feita a pesquisa de campo, de uma forma detalhada, contaremos algumas histórias¹⁰ não só o que aconteceu no campo, mas as que vivi como Fula e as que os entrevistados relataram. Para isso, começarei contando o que mais chamou a minha atenção quando cheguei na primeira cidade (São Francisco de Conde/BA), onde fiz as minhas primeiras entrevistas.

A minha estadia em São Francisco de Conde ocorreu por conta de um grande amigo que me hospedou por pouco mais de três semanas. Antes de ir, eu não imaginava que poderia ser desafiador conversar/entrevistar as pessoas. Coloquei-me como guineense que iria em uma cidade para falar com os meus, porém, não foi fácil convencê-los a conversar comigo.

Os muçulmanos em cada campus da UNILAB têm um grupo de WhatsApp em que combinam as rezas e os encontros. Ter acesso a esse grupo facilitou a encontrar com os meus interlocutores, pois foi através desse grupo que tive contatos deles.

O meu amigo fazia parte do grupo dos muçulmanos da UNILAB de São Francisco de Conde e eu do grupo da UNILAB/CE. Nós, guineenses sabemos a qual grupo étnico a pessoa pertence só pelo fato de saber o sobrenome dela¹¹. Assim sendo, pedi a ele para que verificasse no grupo e conversasse as pessoas Fulas/Muçulmanas a falar comigo, convidando essas pessoas a me conceder uma entrevista para minha pesquisa.

Depois que ele conversava com as pessoas, compartilhava o contato comigo, e a partir daí, eu entrava em ação. Na UNILAB/CE, foi mais fácil contatar as pessoas porque, além de fazer parte do grupo do WhatsApp, conheci e convivi com a maioria dos muçulmanos de lá,

¹⁰ como foi recomendada pela nossa querida professora Iracema Dulley do PPGAS da UFSCar na defesa do texto da qualificação, “conte histórias, você tem muitas para contar porque além de encontrar algumas no campo, você é pesquisadora pertencente ao grupo étnico Fula”.

¹¹ Existem mais de 23 grupos étnicos na Guiné-Bissau, e cada grupo tem sobrenomes específicos, por exemplo o sobrenome Baldé e Jaló são específicos do grupo étnico Fula, e nós como sendo guineenses conseguimos identificar o grupo que uma pessoa pertence só pelo fato de saber o sobrenome dela.

chegando a participar de algumas rezas e celebrações no período de minha graduação naquela universidade.

Por estudar uma questão relacionada ao gênero, a primeira análise que gostaria de pontuar aqui é o número desproporcional entre homens e mulheres fulas na academia. Fui ao campo com a intenção de conversar com mais mulheres do que homens, pelo fato da minha pesquisa estar relacionada a elas. Porém, a primeira coisa que me deparei foi ter conseguido conversar com (4) homens e só depois consegui formalmente entrevistar uma mulher (gravando e anotando).

No total, realizamos 13 entrevistas, sendo 8 formais e 5 informais. Dentre as conversas informais, dialogamos com 4 mulheres e 1 homem, enquanto nas formais, 3 foram mulheres e 5 homens. Acreditamos que conseguimos conversar com mais homens, porque as mulheres Fulas ainda tem limitações para frequentar espaços acadêmicos fora do país, o que pode estar ligado ao casamento arranjado, já que acontece na adolescência.

Pensando em tudo que os entrevistados me relataram, podemos dizer que quando uma menina Fula é educada para se casar cedo, logo depois do início do ciclo menstrual, é bem provável que será mais difícil para ela entrar numa faculdade ou até mesmo ter uma oportunidade de estudar fora do país. Acredito que por fazer o meu campo na UNILAB, uma universidade fora da Guiné-Bissau, contribuiu para que não conseguisse um número maior de meninas Fulas, do mesmo modo que foi fácil encontrar um número de meninos.

Além dessas questões, este capítulo também abordará como foi e feita a categorização das entrevistas, as gravações e as transcrições. Consideramos que todos esses assuntos são de extrema importância para serem trazidos e discutidos no texto para facilitar o entendimento dos leitores não Fulas/Africanos.

Por fim, e não menos importante, ao final deste capítulo será feita a análise de todas as entrevistas realizadas durante a pesquisa de campo, para ajudar na construção de uma conclusão que sirva de abertura para as futuras pesquisas relacionadas a este objeto de estudo.

3.1 Transcrição das entrevistas

Durante a pesquisa de campo optei por fazer conversas formais e informais. Essa opção se deu devido ao desconforto de alguns entrevistados que se sentiam tímidos quando viam que estava com um gravador de voz nas mãos. Com isso, não se sentiam muito à vontade para se expressarem de uma maneira mais aberta. Devido a esse fato, tive que

repensar a forma como chegar nos meus entrevistados para demonstrar mais leveza e menos formalidade.

Antes de marcar o encontro com os meus entrevistados, o nosso primeiro contato se dava através de mensagens de texto e áudio no WhatsApp. Dessa maneira, eu apresentava me para os que ainda não me conheciam e falava do objetivo do contato. Porém, só agora analisando bem como foi o processo do campo, percebi que nesse primeiro contato, já dava para identificar quando a pessoa era mais aberta e falante ou não.

Para isso, eu mudava a forma de abordar cada entrevistado para que essa pessoa não se sinta que está sendo julgada pelo fato de ser conservadora a esta prática cultural. Normalmente, conseguia identificar isso nos primeiros momentos da conversa e fazia questão de explicar sobre o que estou pesquisando para entender melhor, não para julgar. Fazendo isso, consegui manter o roteiro e só mudar a forma de abordagem.

No contato físico, depois de ter percebido que nem todos se sentiam à vontade em ser gravados, eu chegava, iniciava a conversa sem o gravador. Se a pessoa fosse mais solta, eu perguntava se poderia gravar e sempre o tranquilizava, avisando de que era só para me ajudar no momento da escrita, de forma a não perder os detalhes da nossa conversa, que por sinal era tão importante para mim, com permissão da pessoa eu gravava.

Mesmo sabendo que as gravações serviriam para não perder nenhum detalhe conversado durante a entrevista, não pude gravar todas as conversas, precisei valorizar as informais e optar por fazer anotações das que não consegui gravar. Claro tinha que escaparam me algumas coisas que não anotar, desde já que conversava na língua crioula. Dado que, tinha que escutar em crioulo e anotar em português¹².

A escolha de fazer as entrevistas na língua crioula se deu pelo fato desta língua ser a que une todos os guineenses. Desta forma, facilitaria a minha comunicação com os meus interlocutores e trouxe mais segurança neles. Lembrando que, embora a língua portuguesa seja a língua oficial da Guiné-Bissau, isso não assegura que todos os guineenses falam e entendem corretamente, porque o português é falado somente nas escolas e instituições, a língua que a maioria da população fala é o crioulo.

Por esta razão, mesmo sabendo que realizando as entrevistas na língua crioula, não seria prático para mim no momento da transcrição, preferi assim mesmo para assegurar que

¹² A escolha de anotar em português se deu pelo fato de eu ser uma acadêmica que sempre escreveu em português, e na Guiné-Bissau sempre se escreve na língua portuguesa por ser a língua que fomos alfabetizados. O crioulo se escreve, mas, de uma maneira informal, onde cada pessoa escreve a palavra de acordo com a sua percepção de tonalidade ou pronúncia, por exemplo, pessoas em crioulo se chama djintis, mas se escreve djintis ou quintis.

meus interlocutores se sentissem mais confortáveis e falassem com mais tranquilidade. Cabe dizer que nós, guineenses, falamos o português nas escolas e nas instituições.

Sempre sentimos uma grande complexidade de falar em público e em uma entrevista, porque para nós existe uma certa dificuldade de falar a língua portuguesa, principalmente quando é para uma coisa (em situação formal). Acredito que isso se dá pelo fato de o português ser uma língua que não usamos no nosso dia a dia.

O meu objetivo como Antropóloga, foi tentar conversar com um número máximo de pessoas Fulas que foram possíveis, Entre esses inúmeros contatos que consegui estabelecer, algumas cederam entrevistas que pude gravar. Depois de gravar todas as entrevistas, voltei para casa com o material que consegui e comecei a fazer a transcrição e tradução.

Uma dificuldade que enfrentei no momento de transcrição e tradução é ter que fazer os dois trabalhos sozinha devido à utilização da língua crioula na gravação das entrevistas. Por ser uma língua falada somente na Guiné-Bissau e pelos guineenses, ficou difícil encontrar um profissional que fizesse esse trabalho para mim.

Sendo assim, tive que me desdobrar e achar um jeito que facilitasse o processo. Sendo uma guineense falante da língua crioula, adotei a estratégia de escutar as gravações e, no momento de transcrever, já traduzia para o português (escutar em crioulo e escrever em português). Apesar de ser um grande desafio, consegui fazer os dois trabalhos ao mesmo tempo.

No momento de transcrição e tradução, enumerava os entrevistados em consonância com a ordem das entrevistas e mencionava o gênero. Depois de terminar, optei por separar todas entrevistas por categorias como: casamento, dote ou contrato social, papel das mulheres no seio da sociedade Fula, entre outras, categorias que se basearam nas perguntas que fiz para os entrevistados.

Quadro 1– Check list utilizado na entrevista

PERGUNTAS	CATEGORIAS	OBJETIVO
Por que os pais dão as suas filhas ao casamento na adolescência?	Casamento arranjado.	Entender o motivo pelo qual os pais dão as suas filhas em casamento muito jovens.
Qual é o papel das mulheres dentro de um casamento	Papel da mulher no seio da organização familiar dos	Além do papel doméstico, buscava entender que outros

PERGUNTAS	CATEGORIAS	OBJETIVO
Fula?	Fulas.	papeis as mulheres tem no casamento e na família.
Por que as mães têm pouca decisão no casamento das suas filhas?	Papel da mulher no seio da organização familiar dos Fulas.	Compreender porque é que toda formalidade envolvendo o casamento a decisão é dos pais.
Porque de os tios terem o poder de dar as suas sobrinhas/os ao casamento?	Palavra ou poder de tios e tias no casamento.	Entender a relação entre os tios e os pais para terem o poder de decisão sobre o casamento dos sobrinhos/as.

Fonte: Elaborada pela autora

Optei por usar a categorização para me ajudar a separar e organizar as falas dos entrevistados em tópicos. Assim, saberia onde cada entrevistado falou sobre casamento, dote, islamismo entre outros assuntos de interesse para tentar responder os objetivos/perguntas da pesquisa, posto que, isso me ajudaria a fazer as análises das entrevistas.

3.2 Análise das entrevistas

Um dos objetivos principais deste trabalho é entender o motivo pelo qual os pais dão as filhas em casamento. À luz disso, quando perguntei ao entrevistado 1M sobre o assunto, responde que:

Os pais dão as filhas ao casamento para que elas não engravidem, porque isso é considerado vergonha tanto para os muçulmanos quanto para os Fulas e tentativa dos pais se livrarem dessa vergonha, obrigam as meninas a casarem cedo. Em relação aos homens, eles casam cedo para que suas esposas ajudem as suas mães com as tarefas domésticas.

Assim, entendo que esta afirmação é verdadeira, porém não podemos descartar que tenham outros motivos para os pais fazerem esta oferta, além de tentarem se livrar da vergonha. Sob outro ponto de vista, o motivo dos homens casarem cedo para obter ajuda para suas mães parece menos importante, porque pensando bem, eles casando tarde a menina prometida estará ajudando a sua mãe e não a sogra. O que importa perceber aqui, é que

existem transações entre afins, ou seja, a família do noivo também receberá um trabalho que será feito pela noiva com o tempo além de receber uma esposa.

A entrevistada 3F explica que:

Os principais motivos para o casamento precoce é a pobreza, porque quando um pai tem vários filhos, principalmente, mulheres, tem momentos de dificuldade em que ele sendo o único provedor de casa não consegue manter o sustento de todo mundo. Ele começa a arranjar casamento para as meninas, às vezes com pessoas que têm mais boas condições financeiras do que ele, a fim de garantir uma aliança. Assim, consegue não só um dote maior, mas também ajuda a garantir que a filha consiga viver uma vida melhor.

Ao meu ver, isso vai depender da cidade ou da região onde vive a família para se basear nisso, porque cada cidade tem uma forma de vida diferente da outra. Quando se vive numa cidade do interior muitas vezes as condições de vida e as oportunidades não são as mesmas do que as pessoas que moram nas cidades grandes.

Outra questão fundamental é que muitos casamentos Fulas são oficializados nas mesquitas, na presença dos noivos e das delegações dos seus familiares. Quando é assim, o imame (quem dirige a reza na mesquita) pergunta aos noivos se querem um ao outro, se a mulher disser que não quer o imame não continua com o casamento. Acredito que devido a esse fato, faz com que muitas famílias não façam as oficializações nas mesquitas para não deixarem os noivos dizerem que não querem, porque as duas famílias que se comprometeram em casar os dois, principalmente, quando envolve dotes de grandes valores além de não quererem cortar os laços já criados entre as duas famílias.

Com isso, podemos dizer que, no casamento arranjado, alguns pais se baseiam na cultura/tradição. Existem vários motivos que influenciam a darem suas filhas em casamento (como os mencionados por alguns entrevistados). Entre os quais: cultura, questões familiares, amigáveis e financeiros ou pelo fato de namorar/ter relações sexuais antes do casamento ser um crime/pecado na religião muçulmana, isso influencia no arranjo do casamento.

O entrevistado 7 M nos alude que:

A pressão de casar cedo está mais sobre as mulheres. Quando uma filha engravida antes do casamento a mãe é culpada pelo pai e pela família. De outro lado, muitas vezes nos casamentos arranjados, é usado feitiço¹³ para a mulher ficar no casamento e não abandonar. Por isso, tem casos em que a mulher sofre todo tipo de abuso possível, mas ela não consegue separar do marido, mesmo a família dela tentando de tudo, não sai daquele casamento.

¹³ Esse feitiço é feito para amarrar a mulher no casamento para que ela não saia, e é feito tanto pela família dela ou a do marido.

Ele ainda continua dizendo que:

A religião muçulmana não aceita feitiçaria, as pessoas que o fazem desobedecem à religião e seguem mais a questão tradicional. Os ensinamentos do profeta Mohamed é que se duas pessoas se gostam, a família deve fazer o casamento rápido para que os dois se casem antes de praticarem sexo, o que é proibido pelo alcorão antes do casamento.

Diante do que vimos até aqui, podemos perceber que o casamento Fula se baseia na religião islâmica e nas práticas culturais anteriores ao islamismo. O entrevistado 1M expõe que:

Mais da metade das cerimônias de casamento Fula seguem a religião Muçulmana e tudo começa pela família não só dos jovens. Antes dos Fulas serem islamizados, faziam o casamento de uma forma diferente que depois da islamização. Agregaram e tiraram coisas, por exemplo na prática religiosa não se obriga a família do noivo a levar sal ou alguns materiais como objetos pessoais, existe uma fusão entre tradição e religião muçulmana.

Ele ainda prossegue dizendo que:

Religiosamente considera se o casamento a partir do momento em que dois jovens decidem se unir para construir uma família. Os pais dão os seus filhos ao casamento por motivos religiosos, porque o pai tem que dar a primeira esposa ao filho como uma obrigação dele cuidar dos seus filhos e o fato de os pais quererem que os filhos ou filhas cumpram a vontade deles. Aí entra a questão da radicalidade, quando um filho não quer se casar com a indicada do pai ele se sente desvalorizado e desrespeitado e em alguns momentos o pai expulsa os filhos de casa. Dependendo do pai isso pode gerar problemas entre os dois, porque na religião muçulmana se o pai não cumprir isto para os filhos ele vai responder perante. *Allah*¹⁴.

Com esse relato, percebemos que existem conflitos intrafamiliares no que tange ao casamento tradicional do povo Fula, porque o sim ou não dos jovens podem mudar toda família, quando uma menina diz que não se casar com o homem proposto pelo pai. Além de criar conflito com o pai a ponto dele a expulsar de casa, pode ter outro problema entre o pai e a mãe da menina, no caso a esposa prometida.

Em relação a esses conflitos intrafamiliares, o entrevistado 7M expressa que:

Algumas mulheres aceitam o casamento para não criar problemas com a família ou evitar que a mãe dela perca o casamento com o pai, porque ele pode chegar a expulsar a esposa, alegando que é ela que está fazendo a filha não aceitar.

¹⁴Allah significa Deus na língua árabe que os muçulmanos utilizam.

O entrevistado 2M profere que:

O casamento não é uma punição como as pessoas não Fulas pensam, cada grupo tem princípios que os guiam. As pessoas precisam respeitar as práticas culturais de povos diferentes. Os Fulas consideram mais casamento tradicional do que o civil, o casamento civil foi imposto para os países colonizados. Isso fez com que as pessoas abandonassem seus valores, mas quando um Fula deixa de exercer as práticas culturais que o definem.

Na perspectiva desse entrevistado, essa pessoa é tudo, menos um Fula. Isso vale para todos os grupos étnicos, porque o que define uma pessoa, é como ela se comporta ou se veste. Acredito que este entrevistado está chamando atenção sobre alienação colonial, quando fala que “o que define uma pessoa é como ela se comporta ou se veste” fez me lembrar do modo de vestir de cada grupo étnico da Guiné-Bissau, nós enquanto guineenses conseguimos saber qual grupo étnico a pessoa pertence através das suas roupas.

Outra coisa importante nesta questão é que, no momento do casamento, cada pessoa quer se vestir como noiva do seu grupo étnico. No caso da noiva Fula, usa dois pedaços de tecidos brancos, um na parte de cima e outro na parte de baixo, com essa roupa ela é levada para o seu marido. No dia seguinte, troca essa roupa por outra, um pano preto na parte de baixo, uma blusa vermelha e um lenço vermelho na cabeça. Na figura 3 demonstramos a vestimenta do dia do casamento. A figura 3 ilustra a vestimenta do dia do casamento.

Figura 3– Vestimenta do dia do casamento



Fonte: acervo pessoal da autora

A figura 1 é uma foto que elucida o momento do preparo da noiva para ser levada à casa do marido. Ela vai passar a primeira noite vestida como a imagem mostra. Na manhã seguinte do casamento, as pessoas que a acompanharam pegam esses panos e levam de volta para a casa dos seus pais. Daí abrem os panos para saber se a menina foi encontrada virgem ou não, quando as roupas são manchadas pelo sangue significa que ela era virgem, caso contrário não era.

Conforme o entrevistado 7M,

É um orgulho quando a mulher se casa virgem. Por isso, quando a mulher se casa, a própria família delega algumas pessoas para a acompanhar, um ou dois dias depois essas pessoas voltam com os panos brancos que ela estava usando, caso os panos estejam com manchas de sangue isso é motivo de grande orgulho pela família. Eles se sentem como quem souberam educar bem a filha para se guardar e esperar por seu marido. Posto que, quando acontece de a menina não ser considerada virgem, alguns homens devolvem a noiva.

A figura 4 que mostra Vestimenta de segundo ao sétimo dia depois do casamento.

Figura 4 – Vestimenta de segundo ao sétimo dia depois do casamento



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A figura 2 ilustra as roupas que a noiva usa depois de tirar as roupas brancas. Ela fica com essas mesmas roupas por sete dias, porque no sétimo dia é levada de volta para a casa dos pais, onde fazem uma comemoração como forma de despedir-se de forma permanente.

Pode passar a noite com a família ou não, depois da comemoração, vai de vez para a casa do marido com todos os presentes.

O entrevistado 7M ainda diz que:

Isso se dá pelo fato de que, no momento de pagar o dote, os pais cobram mais caro pela noiva, alegando que a mesma é virgem, e se não for causa revolta no marido. O pano é aberto pela família da moça. Quando os noivos se amam, se caso a noiva não for virgem, os dois combinam de manipular esse resultado, em que o marido pode se cortar um pouco só para manchar o pano.

O entrevistado 4M informa que:

As pessoas que vão buscar a noiva no dia do casamento levam com elas: colas (sempre número ímpar), três lençóis (cobertas), um saco de sal, camisa para o pai (no caso do falecimento do pai um dos tios recebe). As colas podem ser substituídas por balas, porque para avisar as pessoas, cola e bala são como um tipo de convite. Chinelos para a noiva, lenço para a mãe.

Podemos perceber que existem vários rituais envolvidos dentro de um casamento Fula. Como Fula, percebo que esses rituais são de extrema importância, porque funcionam como forma de respeitar tanto a família do noivo quanto a da noiva, pois cada família respeita muito o ritual de outra família.

Antes de toda cerimônia ou festa de casamento, existem alguns procedimentos feitos entre as duas famílias como uma forma de “validação”, que é chamado de dote ou contrato social. Trata-se nada mais é do que o pagamento de algum valor em dinheiro ou bens materiais que a família do noivo faz para garantir o acordo firmado antes, porém esse valor é determinado pela família da noiva.

O entrevistado 1M assinala que:

O valor do dote depende da família da mulher, principalmente do pai da menina. Na religião não é obrigatório o dote de animais produzidos pela família, em alguns casos, as mulheres não levam seu dote, e em outros casos quando o casamento não dura muito ou a mulher não vier a se comportar do jeito que eles esperavam, a família do rapaz pede de volta todos os bens que ele tinha dado no processo do casamento.

Para a entrevistada 3F, “Há famílias que exageram ao pedir o dote, em muitos casos o animal são: (cabra, boi ou carneiro) que a família do noivo leva é sacrificado no dia do casamento para fazer a comida para os convidados”. Por sua vez, a entrevistada 6 F explica que:

Os Fulas de gado cobram até 3 gados como dote de casamento. Eles pensam muito sobre a questão financeira, normalmente quando o pretendente é de fora (pertencente a outro grupo étnico), cobram mais barato para não correr o risco de ele desistir da menina por não ter condições financeiras para arcar com as despesas.

O entrevistado 8M anuncia que:

Antigamente, algumas famílias davam uma mangueira como dote, não se importavam muito com bens luxuosos exagerados, mas hoje tudo mudou. Em alguns casos já tem um preço fixo para o dote, os Fulas de Gabú, obrigatoriamente, têm que oferecer gado como dote.

O entrevistado 8M explica que “hoje em dia as coisas mudaram bastante, a família pode exigir coisas muito caras, no casamento é considerada muito a questão econômica, dependendo dos interesses da família da menina”.

Lendo esses relatos explicativos sobre os dotes, percebe-se que, neste caso, os Fulas não estão seguindo o alcorão, mas sim a sua tradição. Devido às variações do valor pode-se dizer que, de certa forma existe uma troca ou circulação, porque saí da família do noivo para a da noiva e, posteriormente, quando os gados dados são sacrificados para a festa, esse bem é transmitido para os convidados.

Uma coisa que vi e ouvi muito sobre os Fulas é que os cuidados e as decisões sobre uma criança ou jovem não se limitam aos pais. O entrevistado 2M informa que:

Os tios consideram muito seus sobrinhos, principalmente, os filhos das suas irmãs. Partindo do pressuposto de que até seu próprio filho pode não ser dele, porque ele pode ser traído pela esposa. Porém, um sobrinho materno sempre vai ser filho que saiu da barriga da sua irmã, por isso, ele sempre vai fazer parte da família da mãe. Essa obrigatoriedade de cuidar dos sobrinhos funciona até na herança dos bens quando um tio morre.

Em nenhum trabalho escrito que tive oportunidade de ler ou nas histórias que me contaram sobre os meus antepassados Fulas, há registro de sociedades matrilineares. A entrevistada 3F aborda que “as tias do lado paterno podem arranjar casamento tanto às sobrinhas quanto aos sobrinhos, nesse caso, os pais não conseguem negar porque elas são sagradas para algumas famílias”.

Ao meu ver, é de extrema relevância ver que, no casamento existe algum poder dado às mulheres. Uma vez que a irmã do pai é considerada sagrada a ponto de poder tomar a decisão se a sobrinha/o vai casar com um certo pretendente. Isto posto, existe o poder feminino entre os Fulas, mesmo não sendo de mãe sobre filhos, porém esse poder vem da família do irmão da mulher e, é atribuído depois da tia ter seu marido.

Entretanto, o entrevistado 4M afirma que:

A hierarquia é uma coisa que funciona muito no universo dos Fulas, podendo ser pela idade ou pela condição social. Os tios podem dar as sobrinhas ao casamento, sendo eles irmãos mais velhos dos pais ou com mais condições financeiras, podendo ser, também, pelo respeito ou amizade entre os irmãos. Porém, no caso em que o irmão tem mais condições financeiras, ele ajuda muito na educação das sobrinhas e, nesse caso, se ele quer manter um laço de amizade com outra família ele pode influenciar no casamento da sobrinha pelo próprio interesse.

Antes de saber sobre esse fato, já presenciei situações em que, entre os irmãos, os mais velhos dão as filhas dos seus irmãos mais novos em casamento, ou seja, ficam responsáveis de dizer sim ou não à família do noivo e de organizar a realização da cerimônia.

O entrevistado 8M revela que:

As tias, na maioria dos casos, cumprem o papel do pai em termos de cuidar dos sobrinhos, por esses motivos as tias são consultadas no casamento dos sobrinhos, mesmo não morando na mesma casa, as tias às vezes sustentam seus sobrinhos e pagam os seus estudos.

Nos Fulas de Gabú, o pai biológico não arranja marido ou esposa para os filhos, quem faz isso são os seus irmãos mais velhos. Ele pode dar os filhos dos seus irmãos mais novos (no caso quem é responsável para as negociações ou dar o sim).

A entrevistada 3F aborda um fato fundamental, é não só tem a ver o lado formalmente considerado como um casamento tradicional Fula. Segundo ela:

O casamento Fula não se limita só no que vemos por fora, existe um momento importante que é emprestar a noiva antes do mês de ramadã para ir cozinhar o mês inteiro e depois é devolvida à família. Às vezes fica pra sempre e isso também é casamento, tanto que algumas mulheres não voltam nunca mais para a casa dos pais.

O mês de Ramadã é o mais sagrado para os Fulas, jejuam e praticam caridades. Para isso, esforçam-se o máximo possível para não praticar as coisas consideradas pecado, como namoro antes do casamento. Por conta disso, os homens que já tem uma menina prometida vão legalizar/levar o dote e pedir a permissão da família dela para que fosse morar com ele durante esse mês, a fim de ajudar a cozinhar com a promessa de fazer a festa do casamento depois, porque não podem comer comidas feitas por mulheres que namoram ou já namoraram.

Além da forma dos Fulas considerarem o casamento tradicional, existe outro casamento que também é o casamento civil. O entrevistado 4M conta que “a maioria dos Fulas casam no civil/cartório só quando tem alguma documentação para resolver, às vezes

quando quer imigrar ou um cargo político”. Para esse entrevistado, “isso se dá pelo fato de os Fulas valorizarem sua cultura”. Esforça ainda que:

Quem legaliza ou autoriza um casamento Fula é o pai, se ele não está presente, o poder é passado para os seus irmãos, se não tiver irmãos o poder vai para os irmãos da menina. Depois de concordarem, segundo a religião, o fruto cola não é obrigatório, o principal é a leitura de alguns versículos do alcorão durante a cerimônia de oficialização do casamento que pode acontecer nas mesquitas ou na casa do pai da menina

Pelo que eu pude acompanhar sobre pedidos de casamento do povo Fula, antes do pedido do casamento têm algumas coisas a serem seguidas. O pretendente não vai direto conversar com o pai da menina e informar suas intenções. Há casos em que, o rapaz conversa primeiro com a menina e depois manda sua família ir ter com a família dela.

Contudo, existem famílias mais tradicionais. Em alguns casos, quando o menino conversa primeiro com a menina, isso já é motivo de não legalizarem o casamento, porque para eles, as pessoas que querem casar não podem ter nenhum contato antes de os familiares saberem da intenção do rapaz para com a menina, lembrando que há mulheres que são educadas para não falar com nenhum homem estranho.

Por esse motivo, alguns rapazes não arriscam chegar perto da menina. O pretendente delega sua irmã ou amiga para ir falar com ela. Tem casos que a menina já tinha visto ou conhece o rapaz e ao saber do seu interesse por ela, já sabe a resposta, quando ela gosta aí fala para a pessoa delegada ir em frente falar com a família dela. Em casos em que, ela não quer prosseguir fala que não está interessada e, é melhor não tentar, mas têm meninas tímidas, que não falam que não querem mesmo sabendo disso. Quando o menino ou a delegada recebe um sim, o próximo passo é da família do rapaz seguir em frente com o pedido já formulado para a família da menina.

A entrevistada 6F declara que:

Quanto às normas da religião, não existem diferenças em oficializar o casamento, só nas formas de realização das festas, porque cada grupo de Fulas ou família faz do seu jeito e da sua possibilidade. Porém, todas as noivas usam o pano branco no dia em que vai ser levada para a casa do marido.

Uma questão mencionada pelo entrevistado 4M que achei pertinente ressaltar aqui, é a questão do casamento por dinheiro/condições financeiras. Ele Narra ainda que:

Quando uma família é muito pobre, mas existe uma menina muito bonita nesta família. Esteja ela na altura do casamento ou não se algum homem com melhores

condições financeiras vier a querer a mão dela, a família logo aceita, mesmo outro homem a querendo primeiro, os pais escolhem o mais rico para a filha, por esperança de que um dia o homem vai ajudá-los no que for necessário.

Ele afirma que isso se dá por causa da situação do país. Por outro enfoque, tenta justificar o motivo de os pais fazerem essa prática. Acredita que:

Mesmo querendo culpar os pais, percebe-se uma grande preocupação deles para com a filha. Quando pensamos em casamento como uma troca, podemos associar isso a questão social do país. Várias Fulas casaram-se com um migrante e ficaram na casa da família do marido. Elas acabam por ser trabalhadoras das sogras.

Não discordo do ponto de vista ou da vivência dele, mas acredito que, tenha outra questão que podemos considerar aqui além da situação econômica do país, é a questão cultural desse grupo étnico. Ou seja, esse ato pode se dar pelo simples fato de alguns pais quererem seguir suas práticas culturais, que pode ser uma prática muito antiga, antes mesmo serem islamizados. De outro modo, os migrantes tendem a proporcionar uma vida melhor para as suas esposas sim, pois enquanto trabalham, mandam dinheiro para elas todos os meses.

Como dentro do grupo étnico dos Fulas existem subgrupos, há algumas diferenças no modo de praticar a cerimônia do casamento. O entrevistado 7M expõe que:

Os Fulas de Gabú dão casamento mais cedo em relação aos outros fulas, porque o processo começa muito cedo, durante o qual o pretendente ajuda no trabalho de lavoura, compra de roupas, joias, sapatos, entre outras coisas. Quando isso acontece, o homem quer parar de trabalhar para a família da noiva, aí ele pede a noiva muito cedo. Caso o pretendente morra antes de se casar com ela, o irmão substitui e os dois se casam.

Pensando sobre a relação entre trabalho e recompensa, creio que haja outros motivos que fazem o noivo querer pegar a noiva na casa dos pais dela. No contexto guineense/Fula, a ajuda que o homem oferece para a família da sua esposa não encerra depois de formalizado o casamento, querendo ou não depois que se casam a família é unida e uma passa a fazer parte da outra.

Outra questão interessante apresentada pelo entrevistado 8M é a de que:

A primeira esposa de um homem tem que ser arranjada pelos seus pais. Só depois disso e caso o rapaz queira se casar de novo ou queira se casar com um amor antigo, ele pode. Os pais arranjam casamento baseado em critérios para acrescentar alguma coisa na sua família. Caso eles não têm alguém escolarizado na família é bem provável que queiram que a futura esposa do filho ou esposo da filha seja de uma família alfabetizada, antes consideravam os rapazes que fazem parte de uma família que sabe ler o alcorão, ou se não tem doenças hereditárias. Olham para a educação da mãe da menina, porque para eles quando uma mulher não é considerada uma

pessoa educada, obediente, não tem como ela educa as filhas com base em uma educação de respeito e sabedoria.

A alfabetização e a obediência são dois critérios que os pais se preocupam antes de arranjar esposa para os filhos. Sei que existem outras cerimônias de iniciação que antecedem o casamento, como o fanado (circuncisão) tanto dos meninos quanto das meninas, que não se limita somente em cortar o órgão genital, mas sim abrange todo um ensinamento tanto para com os meninos e quanto para com as meninas. É claro que essa prática varia de um tipo de Fula para o outro.

O entrevistado 2M versa que “Quando se fala na etnia Fula, as pessoas logo pensam que são todos muçulmanos, e que arranjam casamento aos seus filhos que são vendedores ambulantes e criadores de gados. Para a entrevistada 3F,

Ser fula não é necessariamente ser muçulmano, o que muitas pessoas que não fazem parte do grupo étnico Fula não sabem, por eles serem islamizados e o fato de a maioria que pertence ao grupo ser muçulmana faz com que isso confunda as pessoas. Casamento, batismo, formas de falar e de praticar os ritos de iniciação variam.

O entrevistado 4M disserta sobre alguns aspectos que os homens Fulas consideram antes de tomarem decisão sobre o casamento das filhas. Para ele,

A cultura, amigos, religião e família. Para não serem taxados de incapazes de controlar sua família, isso pode os levar a não respeitarem o sentimento das filhas em relação ao futuro marido. Às vezes, os avôs obrigam os pais a darem as filhas ao casamento numa certa família devido às relações que eles construíram antes ou depois de a menina nascer.

Entretanto, podemos perceber que existe uma explicação para a motivação dos pais antes de mandarem suas filhas para o casamento ou de buscarem uma esposa para os filhos. Pelo que consigo ver até aqui através das falas dos entrevistados, é que tudo não passa de uma forma de seguir a tradição/cultura de muitos anos. Porém, a entrevistada 5 F fala que:

A maioria das meninas são forçadas a se casar com um determinado homem a despeito de sua vontade. Isso porque segundo os mais velhos, quando uma mulher se casa com um homem mesmo sem se apaixonar, depois de ter filhos ela acaba se conformando por causa das crianças. Eles falam para ela ficar pelo menos durante os primeiros 7 anos para depois decidir, porém, quando chega este tempo ela já tem mais de dois filhos e as prioridades delas acabam sendo as crianças em detrimento do divórcio e da busca por outro casamento.

No seio dos Fula, existem regras diferentes para os homens e mulheres. Raramente se vê uma mulher Fula casando-se com homem de outro grupo étnico, pois para estes, a mulher vai somar na casa do marido, seguir a religião, as práticas culturais do marido e posteriormente os filhos dela também.

Para fazer com que uma mulher de outro grupo étnico entre na família, como são muçulmanos optam por transformá-la primeiro numa muçulmana e vice versa. Os Fulas preferem que os seus homens se casem com mulheres de outros grupos étnicos para assim trazer a mulher e os filhos para a linhagem, assim não perdem a sua tradição.

O entrevistado 1M relata que:

Os Fulas obrigam homens de outras religiões a serem muçulmanos para se casarem com as mulheres Fulas e isso é entendido como uma questão política. Como os Fulas são patrilineares, quando as mulheres se juntam num casamento, acabam se perdendo pelo fato de os filhos seguirem a linhagem dos pais. Quando um homem Fula/muçulmano casar com uma mulher não Fula/muçulmana, ela não pode cozinhar para seu marido. Para isso acontecer os dois precisam seguir as regras do islã e da tradição Fula para que o casamento seja considerado legal, mas tudo isso vai depender da família, porque hoje em dia as coisas estão se moldando.

Por tanto, percebemos que a principal regra ou condição para o casamento dos Fulas com pessoas de outros grupos étnicos é a conversão muçulmana. O entrevistado 2M discorre que:

Não pode tirar a responsabilidade da religião, no que diz respeito algumas práticas tradicionais fulas, quando a religião islâmica fala que durante o mês sagrado (mês de ramadã), a mulher tem a obrigatoriedade de cozinhar para seu marido, mas em nenhum momento fala para os homens fazerem isso para suas esposas.

Em congruência com o que vimos até aqui, percebemos que as mulheres Fulas e os homens têm papéis/responsabilidades diferentes no que concerne a família e a construção dela. Para o entrevistado 1M,

Especificamente, a mulher é considerada como secundária, cuidar de casa e das crianças, tem uma separação entre os homens e mulheres. Existem algumas famílias Fulas onde a mulher nem pode se sentar na mesma roda com os homens. Por outro lado, elas nem podem trabalhar, porque para os Fulas a obrigação do homem é prover tudo dentro de casa e os trabalhos das mulheres não são considerados trabalho.

No que tange à divisão do trabalho, ele aponta que:

O homem só traz alimento, enquanto que a mulher procura as misturas das três refeições. Sendo assim, a trajetória que a mulher faz de manhã até a noite é mais longa em relação ao do homem. Quando chega a noite, ela é obrigada a satisfazer as necessidades sexuais do seu marido, porque o alcorão fala que as mulheres não podem negar ao marido uma relação sexual (as mulheres da tabanca sofrem mais com isso, mas mulheres Fulas da capital já se modernizaram).

Quando ouvi esse relato fiquei curiosa para saber sobre as decisões tomadas durante o casamento. O entrevistado 2M expressa que:

No casamento, os Fulas valorizam mais os homens do que as mulheres por fazerem parte de uma sociedade patrilinear, as filhas, na maioria das vezes acabam cedendo e se conformando com a ideia de que uma mulher tem valor enquanto pessoa na sociedade Fula quando se casa. Sendo que quando a mulher se casa não pode voltar para casa dos pais. Muitas mulheres voltaram depois de algum problema, mas os pais mandam de volta para a casa dos maridos e quando isso se repete, a mulher acaba não voltando e sofrendo tudo que vier.

Para o entrevistado 1 M, “as mães não tem nenhuma opinião acerca do casamento dos filhos, mesmo na ausência do pai os irmãos dele tem mais voz sobre as crianças em relação à mulher, as mães só ficam na parte do preparativo das festas”. A entrevistada 3 F relata que:

Conversa do pai é como uma lei, no caso do casamento, às vezes a mãe nem sabe o que acontece nas negociações, só fica na parte de preparar a festa. Porém, tem famílias em que nem a mãe nem o pai decidem sobre com quem a filha vai se casar. Quem decide são os tios e as tias, porém, a tia mais considerada é a irmã do pai.

Como mulher, acredito que, quando um homem limita sua esposa a trabalhar, seja formal ou informalmente, isso limita essa mulher a fazer suas escolhas, porque ela acaba dependendo financeiramente do marido, o que pode fazê-la a se limitar no ponto de não poder nem discordar dele. Por isso, entre outros motivos, as pessoas enxergam os homens Fulas como machistas.

Eu cresci em Bissau, capital da Guiné-Bissau, e, como sendo uma mulher Fula, vi alguns acontecimentos dentro de uma família em que o homem proíbe a mulher de trabalhar fora de casa. Diante disso, essa mulher passa a depender dele financeiramente e quando isso acontece a mulher, além de ficar presa a esse casamento, depende emocionalmente do esposo. Por conseguinte, quem paga os custos dela e dos filhos é o marido, assim ela se vê num lugar de impotência para sair desse casamento, ela, de certa forma, sente-se segura pelo fato do esposo sustentá-la.

Pensando pela composição familiar, as mulheres que vivem dessa maneira certamente são as que vieram de uma composição familiar parecida. Existem mulheres Fulas com

formação superior e que tem trabalho formal, claramente, os pais dela não vão submetê-la a um casamento em que não possa exercer a função de uma trabalhadora formal, sendo que os pais mesmo que custearam os seus estudos. Então, creio que o papel de uma mulher no seio dos Fulas se dá a partir de composição de cada família.

No que diz respeito à tomada de decisão no casamento das filhas, já vi caso em que a mãe defendeu a filha para não se casar com um certo homem, e a decisão prevaleceu. Quando o pai chega com a ideia de casamento, muitas vezes, é porque ele viu que a filha já está namorando escondida. Nessa situação, ele arruma um marido.

Nesse caso, a mãe pode encobrir a filha defendendo-a, alegando que ela é nova demais para casar ou está estudando. Diante disso, alguns pais consideram e não vão em frente com a ideia de deixá-la casar mais. Por outra perspectiva, essa mãe pode ter seus motivos, como por exemplo, esperar um homem com mais condições financeiras. Com isso, percebemos que em alguns casos, mesmo sendo raros, tem mulheres que decidem sobre a vida das filhas.

A entrevistada 3F expõe que:

Quando falamos de papel de uma mulher Fula, tudo se baseia na religião muçulmana, porque o que mais se fala é de que a mulher fula não pode isto ou aquilo, pois a religião não permite. O alcorão disse que a mulher tem que respeitar seu marido, sempre se baseiam na religião islâmica quando se diz algo que as mulheres não podem fazer ou vestir, não falam como uma mulher pode se comportar ou se vestir baseando se na tradição Fula, é sempre na religião.

Nas palavras desse entrevistado,

Uma vez eu fui rezar numa mesquita junto de algumas mulheres, mas como era pequeno não teve espaço para todo mundo, e como na religião muçulmana as mulheres rezam atrás dos homens. Nesse dia, não daria para as mulheres ficarem atrás dos homens. Então, falaram que não podíamos nos misturar (homens e mulheres) e nos mandaram ir embora, alegando para que cada uma vá rezar na sua casa. Esse é só um caso em que as mulheres sempre são deixadas em segundo plano.

Para o entrevistado 4M,

O papel da mulher é plural e mais importante, porque independente de dar educação aos filhos, ela é considerada protetora da família. Por outro lado, a elas é negado o papel de tomar decisão por conta da opressão cunhada em princípios da religião muçulmana que fala que uma mulher tem que obedecer ao marido e não pode contrariar as decisões dele. Os homens Fulas tem uma obrigação exclusiva de trazer arroz para a família, mas é a mulher quem cuida de preparar a comida e de procurar as carnes, peixes, ervas ou verduras, mesmo sendo negado o trabalho formal.

Consoante a entrevistada 6F,

Na base islã, a mulher é encarregada de cuidar do lar, dos filhos e do marido. Como o marido é encarregado de levar o sustento para casa, a mulher é encarregada de preparar o sustento e de deixar a casa/família organizada. O islão não proíbe a mulher de trabalhar só pelo fato dela ser encarregada de cuidar de casa, até porque o marido não é isento de fazer tarefas domésticas, mas como muitas vezes, o homem traz tudo a mulher fica responsável de organizar.

Com a pesquisa de campo e as vivências que eu tenho sobre os Fulas percebi que, na sociedade Fula, mesmo que a mulher trabalhe fora, o marido deixa as tarefas de casa para ela fazer. Porém, nos relatos do alcorão que escutei diz que a mulher não é obrigada a ajudar com as despesas de casa. Por isso, em alguns casos, os bens da mulher e do marido viram uma coisa só.

Um fato curioso é que, se a mulher tiver mais dinheiro do que o homem, não fazem que isso apareça à tona. Tentam a todo custo fazer com que o homem pareça ser o único provedor de casa, porque para a tradição Fula, a mulher tem que cobrir o marido (guardar segredo). Por exemplo, para pagar algum prestador de serviço, mesmo o dinheiro sendo da mulher, entrega para o marido pagar.

O entrevistado 7 M informa que:

A mãe não é ouvida, suas opiniões não são levadas em consideração. Está focada mais no papel doméstico, cuidar de casa e das crianças, a mulher não é obrigada a trabalhar fora, o homem é provedor, porém recomenda-se que a mulher esteja limpa e cheirosa para receber seu marido depois dele voltar do trabalho. Algumas mulheres aceitam o casamento para não criar problemas com a família ou evitar que a mãe delas percam os seus casamentos, porque um pai da família pode chegar a expulsar a esposa, alegando que a mãe que está fazendo a filha não aceitar.

Neste caso, a pergunta é o que acontece quando uma mulher é expulsa pelo marido, o pai? Já vi casos em que quando a mãe é expulsa pelo desentendimento do pai e a filha sobre o casamento, ela sai de vez e volta para a casa dos pais dela, em que pode haver uma reconciliação ou não. Assim, ela vai junto com a filha que não aceitou se casar com o prometido do pai. Pensando bem, creio que algumas mulheres têm muita influência sobre os filhos, muitas mães que mantêm os casamentos das suas filhas em pé pelas influências que elas têm sobre elas. Por isso, o papel das mães não deve ser reduzido só em questões domésticas.

Depois de todo processo que vimos até aqui de como funciona a instituição do casamento dos Fulas, despertou me atenção sobre algumas alternativas que algumas famílias

tomam para casar os filhos, mesmo estes praticando sexo antes do casamento para que não haja, de certa forma, confusão dentro da família.

Segundo o entrevistado 4M,

Tem famílias que deixam seus filhos se casarem mesmo depois de namorar com a menina, mas com algumas condições, eles precisam se separar por três meses, sem se ver e sem se falar. Somente depois de terem sido separados aí que podem casar, isso significa que estão recomeçando do zero. De outra maneira, existe um, porém, no meio tempo em que os jovens estiverem separados, se por acaso um irmão, primo ou até o pai do rapaz conhecer a jovem no momento do término (durante os 90 dias) ele simplesmente pode se casar com a moça, porque antes de terminar o tempo da separação os dois estão solteiros.

A conclusão que podemos tirar com essas narrativas é que os homens e as mulheres veem o casamento de uma forma diferente. Pareceu-me que as mulheres se sentiam na obrigação de proteger os casamentos dos seus pais, porque caso uma menina se recusar a casar, o pai dela atribui a culpa à mãe. Isso pode levar até a separação dos dois, enquanto isso, os homens aceitavam a primeira esposa, posteriormente teria como ele mesmo escolher a segunda esposa.

A maioria dos entrevistados consideram importante o casamento tradicional, pois para eles, o que vale é ter o apoio da família e não desapontá-los. Em uma das conversas que tive no campo, a minha interlocutora disse que:

Mesmo morando no Brasil se a família conseguir um esposo para ela, sem pensar duas vezes vai voltar para Guiné-Bissau e casar com o prometido que o pai dela quiser, e realmente a maioria não vê o casamento arranjado como uma coisa errada, mas sim como uma prática cultural que precisa ser respeitada.

Por mais que os Fulas sejam considerados o mesmo povo, existem diferenças entre eles. As mais apontadas pelos meus interlocutores dizem respeito à forma de praticar o casamento tradicional. A forma de festejar e de fazer todo o processo do casamento é diferente, dependendo da região ou até da família. Uma coisa em comum no casamento é o que tem a ver com a religião muçulmana.

Quadro 2 – Diferença em praticar a cerimônia do casamento entre os Futa Fulas e Fulas de Gabú

FUTA FULAS	FULAS DE GABÚ
Usam roupas brancas no primeiro dia do casamento, vermelhas e pretas do segundo ao sétimo dia.	Usam roupas brancas no primeiro dia do casamento, do segundo ao sétimo a noiva passa a usar suas roupas normais.

FUTA FULAS	FULAS DE GABÚ
Não pedem vaca para o dote.	Pedem vaca para o dote
Nos primeiros sete dias ficam dentro de casa sem sair.	Ficam só no primeiro dia.

Fonte: Elaborado pela autora

No que diz respeito ao papel da mulher no seio dos Fulas, percebemos que, em alguns casos existe uma certa divergência. Ora, o mesmo entrevistado falava que a mulher não tem poder algum de decisão em casa e na família. Ao mesmo tempo tentava mostrar pequenas decisões e poderes que as mesmas têm, como convencer o marido a deixar filha casar com quem ela mesma quer ou quando é uma tia que decide o casamento dos seus sobrinhos e sobrinhas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, procuramos demonstrar como se estrutura o grupo étnico Fula e como é o funcionamento do casamento tradicional, uma cerimônia importante para esse povo. Sendo uma prática que envolve homens e mulheres jovens, que, de certa forma, veem o casamento como uma obrigação, que os pais, por sua vez, sentem-se na obrigação de arranjar esposa ou marido para os seus filhos, e quando esses não aceitam, isso gera conflitos.

Para compreender o casamento Fula, existem vários fatores envolvidos, como a religião, as práticas tradicionais e culturais. Em vista disso, podemos entender essas práticas como parte do funcionamento do casamento, como os principais e movem os pais a essas práticas e por sentirem que têm a obrigação de arranjar esposa ou marido para os seus filhos.

Dado o valor que o casamento tem para os Fulas, principalmente para os mais velhos, que são os protagonistas para que os filhos e as filhas se casem, mesmo o casamento tendo um significado diferente para as jovens, mulheres e homens. De certa forma, problematizar isso nos trouxe algumas respostas diferentes entre o quais: Para as mulheres, o casamento se trata de uma obrigação de manter a tradição e evitar a criação de conflito dentro da família e protegendo a sua mãe. Já para os homens, trata-se de manter a linhagem e poder criar a sua própria família e usufruir dos benefícios que a sociedade Fula dá para um homem casado que é o respeito, consideração e o poder de participar da tomada de decisão.

Por outro lado, as diferentes faixas etárias veem o casamento tradicional de forma diferente. Para os jovens o casamento tradicional é uma simples tradição que precisa ser seguida. Já para os mais velhos trata-se de manter os valores culturais e tradicionais vivos, seguindo os mandamentos do alcorão.

Pelo fato de as pessoas entrevistadas durante a pesquisa estarem morando no Brasil e terem vivido uma outra experiência, percebemos que existe uma diferença entre eles quando expressavam seus desejos em torno do casamento arranjado. Os exemplos que deram da vivência anterior de quando moravam na Guiné-Bissau, mas mesmo assim, a maioria dos jovens tem desejo de um dia poder se casar com base nessa cerimônia.

Esses jovens diaspóricos, ainda que tenham desejo de realizar uma cerimônia do casamento tradicional Fula, a maioria dos entrevistados gostaria de escolher a sua esposa/marido sem a intervenção dos pais. Perante o exposto, dependendo do seio familiar que esse jovem veio a decisão pode causar um desentendimento, pois o pai vai querer arranjar uma esposa/marido.

Em prol de tudo que discutimos até aqui, ao concluir esse trabalho, estamos cientes das dificuldades das análises e interpretações sociais e culturais dos grupos envolvidos. Além de fazer parte do grupo étnico Fula, os temas abordados durante a pesquisa são complexos por tratarem do casamento, que envolve questões religiosas e tradicionais.

Esperamos que os dados que conseguimos recolher e os argumentos que discutimos, possam contribuir nos estudos sobre os Fulas da Guiné-Bissau. Por outro prisma, esse trabalho possa colaborar aos demais, para o avanço antropológico acerca do que é compreendido de casamento Fula.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombros**: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro. Garamond, 2007.

AZAVEDO, Aina. **Se você quiser me lobolar considerações sobre o lobola na África do sul contemporânea**. In: Cadernos pagUo n. 45- Dossiê: corpos, trajetórias e valores: perspectivas de gênero, famílias e reprodução social em contextos africanos, julho-dezembro, 2015, p. 21-49. Disponível em: <<https://www.pagu.unicamp.br/pt-br/cadernos-pagu-no45-2015-esta-no-ar>>. Acesso em: 10 de jun. 2019.

BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o menino fula**. 3. ed. São Paulo: Palas Athena, 2013.

BARROS, Augusto de. **A invasão Fula na circunscrição de Bafatá**. In: boletim cultural da Guiné-Portuguesa. Bissau 1971.

BETTEGA, M. L. **O casamento como manifestação de uma cultura**: o caso de Nova Palmira. 2007. 93f. Dissertação (Mestre em Curso de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional) Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2007.

BORGES, Ecylla Saluy Moreira. **Estudo de caso em Gabú**: será que o casamento explica a gravidez precoce das jovens islâmicas (Fulas e Mandingas)? 2009. 102f. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos Africanos) Universidade Federal da Bahia. Salvador 2009.

BRITO, Eduino. **Notas sobre a vida familiar e jurídica de tribo fula, Instituições civis**. In: Memórias de África e de Oriente: Biblioteca digital. Boletim Cultural da Guiné-Portuguesa, v. XII, n. 47, 1957. pp. 301-314. Disponível em: <http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N047&p=8>. Acesso em: 07 de mar. 2019.

CAMPOS, Americo. **História da cidade de Bissau até 1915**. Ed. Rebordosa. 2013.

Constituição da República da Guiné-Bissau. Anotada por MONTEIRO, Cláudio. PEREIRA, Domingos. PIRES, Hélder. SANTO, João Espírito. Disponível em: <https://uniogbis.unmissions.org/sites/default/files/crgb_annotada_versao_final.pdf>. Acesso em: 04 de fev. 2024.

COSTA, G. P. **Amor e seus Labirintos**. Porto Alegre: grupo A, 2007.

DIOP, C. A. **A origem Africana da Civilização Africana: mito ou realidade**. 1. ed. Lawrence Hill & Co. 1974.

DJALÓ, Tchernó. **O mestiço e o poder: identidades, dominações e resistência na Guiné**. 2. ed. Lisboa: Nova Veja e Autor. 2013.

GARRAFÃO, Y. V. M. **Ontem m'pili (menina) hoje neguine (mulher casada): a percepção das mulheres da etnia papel sobre o casamento tradicional (k'mari) na Guiné-Bissau**. 2016. 52f. Monografia (Bacharel em Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB, Redenção, 2016.

Instituto Nacional de Pesquisa e Ministério da Economia, do Plano e da Integração Regional, Censo 2009.

JÚNIOR, Domingos Mula Cá. **A ISLAMIZAÇÃO NA ÁFRICA OCIDENTAL: o caso dos mandingas e fulas na Guiné-Bissau (SÉCULO XVII-XIX)** Porto Alegre, 2021 – Dissertação.

MOREIRA, J. Mendes. **Da ergologia dos Fulas da Guiné Portuguesa**. Bissau, agosto de 1971.

MOREIRA, J. Mendes. **Da ergologia dos Fulas da Guiné Portuguesa**. Bissau, agosto de 1971.

Portuguesa. Considerações Gerais I. In:_____. Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, v. X, n. 37, 1955. pp. 1-22. Disponível em: <<http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N037&p=8>>. Acesso em: 13 de mar. 2019.

_____. Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, v. XIII, n. 49, 1958. pp. 7-23. Disponível em: <<http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N049&p=8>>. Acesso em: 07 de mar. 2022.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred Regnald. **Estrutura e função na sociedade primitiva**. Petrópolis: Vozes, 1973.

SARTI, Cynthia Andersen. **Parentesco e família**. Com Ciência no.114 Campinas 2008.

SILVA, Artur Augusto da. **Direitos de Família e Propriedade entre os Fulas da Guiné 1955**.

Silva, Kalina Vanderlei. Silva, Maciel Henrique **Dicionário de conceitos históricos**. 2.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, M. **O grande jogo do casamento: um desafio antropológico e computacional em área de fronteira**. In Revista. antropologia. São Paulo, SP v. 60 n. 2: 356-382, USP, 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra>>. Acesso em: 29 de ago. 2019.

ZORDAN, Eliana Piccoli. FALCKE, Denise. WAGNER, Adriana. **casar ou não? Motivos e expetativas com relação ao casamento**. In: Psicologia em Revista, Belo Horizonte, MG, v. 15, n. 2, p. 56-76, ago. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/index>> Acesso em: 05 de out. 2019.

ZORDAN, Eliana Piccoli. FALCKE, Denise. WAGNER, Adriana. **casar ou não? Motivos e expetativas com relação ao casamento**. In: Psicologia em Revista, Belo Horizonte, MG, v. 15, n. 2, p. 56-76, ago. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/index>> Acesso em: 05 de jan. 2023.